

DIÁRIO  
DE NATAL

EDIÇÃO EXTRA

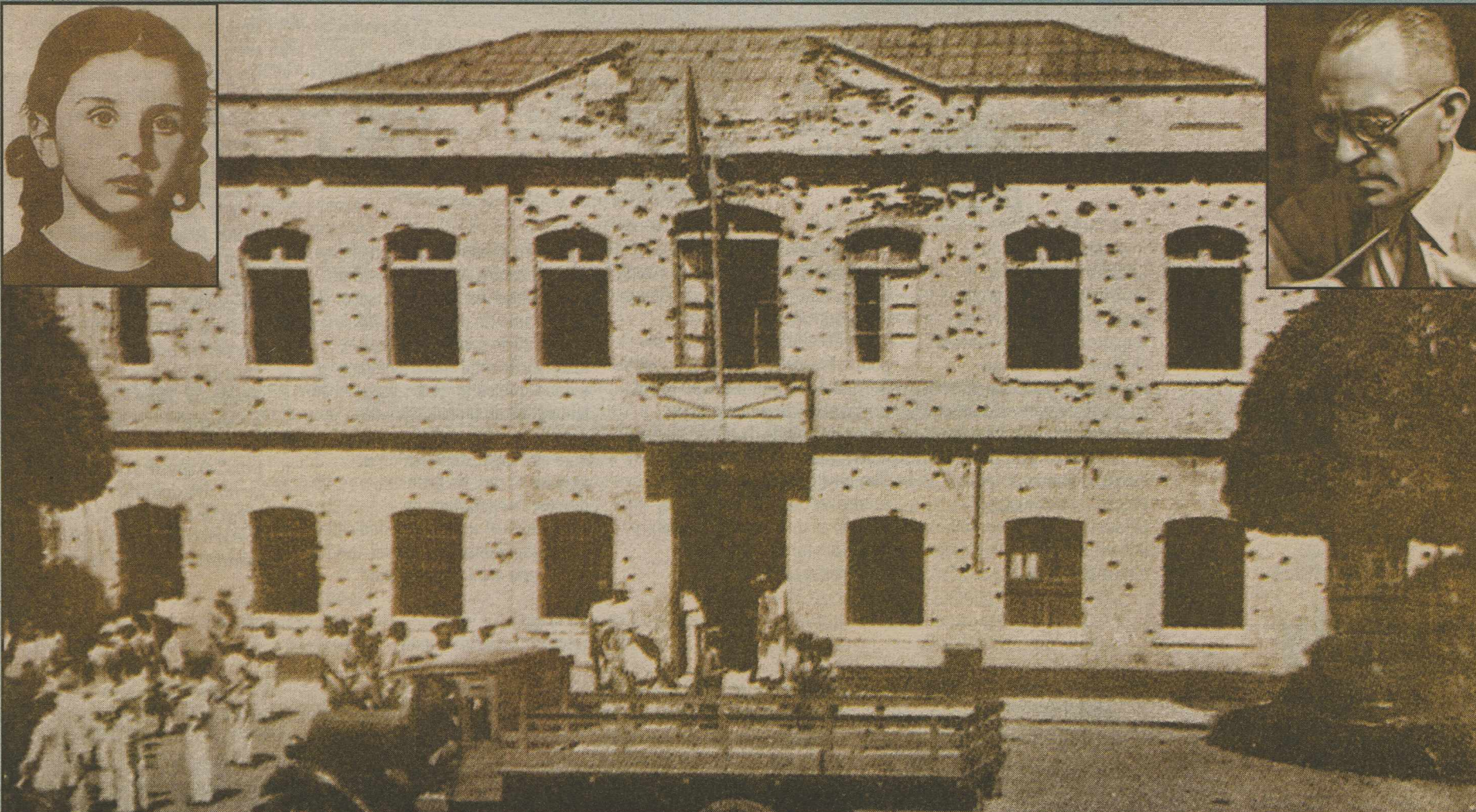
# EDUCAÇÃO

NATAL, TERÇA-FEIRA, 29 DE NOVEMBRO DE 2005

## Três dias que marcaram a história

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DE 35 NO RIO GRANDE DO NORTE

Fotos Arquivo/DN



A IMAGEM DA REVOLUÇÃO É O QUARTEL DA POLÍCIA CRIVADO DE BALA. NO DETALHE, ANITA LEOCÁDIA E GRACILIANO RAMOS

# ORELHA DE LIVRO

## ALGUMAS DICAS DE LIVROS COM ENFOQUE SOBRE O MOVIMENTO DE 1935

Prestes: Lutas e Autocríticas  
Denis de Moraes e Francisco Viana  
Editora Vozes, 1982

Fotos Arquivo/DN



A obra apresenta o acidentado e tempestuoso périplo político de Luís Carlos Prestes, sem, em nenhum momento, se engajar na sua linha. Através dos autores, fala o homem, integrado nas circunstâncias, reconstruídas a partir de outros depoimentos e do noticiário da imprensa, escrupulosamente filtrado. Este é o mérito principal deste livro, que, ao ultrapassar o depoimento, passivamente colhido, incursiona na história oral, integrando o ator no cenário do país.

A Insurreição Comunista de 1935: Natal - O primeiro Ato da Tragédia  
Homero Costa  
Editora Ensaio, 1995



O livro insere-se no movimento renovador iniciado pelos estudos de Marly Viana e Paulo Sérgio Pinheiro, acrescentando a eles novas angulações e até corrigindo algumas imprecisões, dado o caráter localizado e minucioso da pesquisa. Vasculhando os autos do Tribunal de Segurança Nacional, Homero Costa concentrou sua atenção basicamente na cidade de Natal, ponto nevrálgico da insurreição. Assim fazendo, pôde reconstituir as forças operantes no interior da vida social.

82 horas de Subversão  
João Meeiros Filho  
Editora do Senado Federal, 1980



O título compreende o período de tempo entre 19h do dia 23 às 5h do dia 27 de novembro de 1935, começo e fim do levante, ao que se seguiram as providências de "limpeza" após a fuga do grosso dos militares e civis nele comprometidos. Trata-se de uma valiosa contribuição para a geração que viveu o período da chamada Intentona Comunista, como também para as gerações seguintes, trazendo à lembrança uma fase política conturbada e infundir conhecimentos de fatos passados e à compreensão de atos que poderiam ser mal interpretados sob a inspiração de comentaristas apressados e muitas vezes tendenciosos.

As dunas vermelhas:  
Romance no tempo de rebelião  
Nei Leandro Castro  
AS Editores, 2003



O autor potiguar Nei Leandro Castro usa a insurreição natalense como pano de fundo para o seu romance As dunas vermelhas. Os fatos históricos são respeitados, personagens reais comparecem com seus nomes verdadeiros, mas não se trata de um romance histórico. Essa essência, tramas de amor, traição, humor e crimes passionais prevalecem sobre o que ocorreu naqueles dias de novembro de 1935.

O Comunismo no Brasil  
John W. F. Dulles  
Editora Nova Fronteira, 1985



Entrevistas exclusivas com os principais militantes de esquerda da década 1935/45 e exaustiva pesquisa nos arquivos, tanto do Partido Comunista Brasileiro, quanto da polícia brasileira, tornaram possível este livro. O Comunismo no Brasil conta, minuciosamente, este violento capítulo da história latino-americana, a luta do Partido Comunista Brasileiro para sobreviver durante a repressão, quando as mais brutais formas de tortura foram usadas para combater a esquerda.

A Intentona Comunista de 1935  
José Campos de Aragão  
Editora da Biblioteca do Exército, 1973



O livro é um repositório de fatos que marcaram profundamente a alma militar brasileira no trágico acontecimento de 1935. É uma contribuição para a pesquisa histórica de uma época agitada e, menos ambiciosamente, uma leitura que atrai pelo tema e a maneira com quem foi tratado. A obra está organizada em duas grandes partes. Na primeira, o autor descreve os pádronos da insurreição. E a segunda é dedicada ao movimento armado em si, desde o deflagrar até a derrota final.

## EDITORIAL

### MOVIMENTO DE 1935

Para registrar os 70 anos do Movimento Revolucionário de 1935, quando o Partido Comunista, sob o comando de Luiz Carlos Prestes, tentava tomar o poder no país, o Diário de Natal traz para o leitor um caderno especial, com um levantamento histórico de todos os fatos importantes ocorridos no Rio Grande do Norte, única capital brasileira que manteve o governo comunista por três dias. O levantamento foi todo realizado pelo médico e professor da UFRN, Ivis Bezerra, em um trabalho primoroso.

O caderno é ainda engrandecido com artigos das professoras Maria Conceição Pinto de Góis e Brasília Carlos Ferreira, que fazem suas análises sobre o Movimento de 35, a obra de Graciliano Ramos, escrita durante seu período na prisão, e um pouco da vida de Anita Leocádia Prestes, filha de Olga e Luiz Carlos Prestes e que hoje se tornou referência como historiadora brasileira.

É justamente com Anita Prestes a entrevista de abertura do caderno, fazendo uma análise do momento político atual.

Para lembrar os 70 anos, da revolta comunista, a Fundação José Augusto promove, hoje e amanhã, o Seminário "A Revolta de 1935 - Setenta Anos Depois". O seminário acontece no Palácio da Cultura, a partir das oito horas com a participação da governadora Wilma de Faria.

## EXPEDIENTE

DIRETOR PRESIDENTE  
Gladstone Vieira Belo

DIRETOR GERAL  
Albimar Furtado

DIRETOR DE REDAÇÃO  
Osair Vasconcelos

CHEFE DE REDAÇÃO  
Carlos Magno Araújo  
PROMOÇÕES E PROJETOS ESPECIAIS  
Áfonso Laurentino Ramos

GERENTE COMERCIAL  
João Maria Medeiros

GERENTE DE MARKETING  
Alexandre Mulatinho

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO  
Wivel Castro

GERENTE DE CIRCULAÇÃO  
Sérgio Farias

GERENTE DE ATENDIMENTO  
Umberto Mattos

EDIÇÃO  
Carlos Magno Araújo e Valéria Credídio

REVISÃO  
Francisco Francerle e Adriana Amorim

FOTOS E DOCUMENTOS  
Arquivo Diário de Natal

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA  
DESIGN E DIAGRAMAÇÃO  
José Carlos Santos e Silvana Belkiss

AGRADECIMENTOS  
Ivis Bezerra, Maria Conceição P.de Góis e Brasília Carlos Ferreira

E-MAIL redacao@diariodenatal.com.br

**A**braçando o legado histórico deixado por seus pais, Anita Leocádia Prestes se transformou em uma das principais pesquisadoras no que diz respeito à história do Brasil. Além de historiadora, Anita é economista e química. Toda sua experiên-

cia, compartilhada com seus alunos da UFRJ e leitores de seus livros, a filha de Olga e Luiz Carlos faz uma análise do movimento de 1935 e da influência de seu resultado na política atual brasileira, em entrevista ao caderno especial do Diário de Natal.

# A filha da solidariedade

VALÉRIA CREDIDIO  
DA EQUIPE DO DIÁRIO DE NATAL

**Seus pais escreveram uma das passagens mais importantes da história política brasileira. Qual o legado deixado por eles para a senhora e para as gerações futuras?**

Penso que o legado principal seja o de dedicação total à luta pela igualdade e justiça social para toda a humanidade.

**O fato da senhora ter vivenciado de perto momentos históricos influenciou na sua escolha profissional e no seu caminho como pesquisadora?**

Não; até por que, na minha opinião, em qualquer profissão é possível ser útil à humanidade.

**Em um de seus livros - "Da insurreição armada (1935) à União Nacional (1938 - 1945)" - publicado em 2001, pela editora Paz na Terra, a senhora aborda pontos polêmicos como o paradoxo das ações do PCB, contra e a favor de Vargas. Qual a sua análise desses fatos?**

Seria muito longo responder a tal pergunta. O melhor é aconselhar a leitura do meu livro citado. Resumidamente, como resultado da pesquisa que realizei, pude mostrar que a política de "União Nacional" adotada pelo PCB não foi uma criação do partido ou da Internacional Comunista - organização mundial da qual os partidos comunistas faziam parte na época -; resultou da situação histórica concreta existente no país e no mundo nos anos de 1938-45. A "União Nacional", no Brasil, refletiu a combinação específica de uma série de fatores nacionais e internacionais presentes naquele período, fatores que terminariam por levar as potências do Eixo à derrota.

**A senhora acredita que a derrota em 1935 deveu-se ao movimento não contar com o apoio popular? Teria sido um erro de estratégia?**

A derrota dos levantes antifascistas de 1935 teve várias causas, conforme mostro no meu livro "Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora; os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)", Ed. Vozes, 1997. A meu ver, houve um erro de avaliação da situação existente no país; em

Fotos Arquivo/DN



Anita Leocádia Prestes, ainda moça, no Rio de Janeiro, onde mora em companhia de sua tia

grande parte tal erro estava relacionado com a força das concepções golpistas presentes na sociedade brasileira.

**O jornalista Willian Waach, em seu livro "Camaradas" fala do movimento brasileiro de 1935, retirando um pouco do "romantismo" que ainda existia em torno da organização para tirar Getúlio Vargas do poder. Como a senhora avalia a obra?**

É a obra de um inimigo de classe, de um agente a serviço dos interesses do grande capital internacionalizado, com o objetivo de tentar desqualificar a luta dos revolucionários. É um livro que não tem a menor credibilidade, pois não podem ter credibilidade documentos que ninguém viu ou se sabe onde estão. O autor revela total falta de seriedade no tratamento da documentação usada.

**Como a senhora observa a influência da Insurreição na política brasileira?**

Embora os levantes antifascista de novembro de 1935 tenham sido derrotados, a luta encabeçada pelos comunistas criou uma consciência antiimperialista, antilatifúndio, antifascista e antiintegralista no Brasil. Tal consciência revelou-se mais tarde na luta pela entrada no Brasil na Guerra, no início do anos 40.

**As classes hegemônicas até hoje satanizam a Insurreição - chamada também de Intentona Comunista - em cerimônias militares. Por que essa visão permanece até no movimento?**

Tal visão, como muitas outras criadas e difundidas pelos donos do poder, permanecem por que são do interesse das classes dominantes, que controlam os meios de comunicação e constroem a chamada História Oficial.

**Tanto no livro, como no filme Olga a senhora é mencionada, integrando a história nacional. Como foram seus primeiros anos de vida? O Partido Comunista auxiliou, de alguma forma, em sua formação pessoal e educacional?**

Seria muito longo responder a tal pergunta. Posso considerar-me filha da solidariedade internacional, pois foi uma campanha internacional liderada pela minha avó Leocádia Prestes, que salvou minha vida das garras do nazismo. Durante toda minha vida recebi sempre solidariedade dos comunistas e das pessoas de bem do mundo inteiro. Além disso, fui educada por minha avó e minha tia Lygia no sentido de ser uma pessoa sensível aos grandes problemas da humanidade, principalmente voltada para a busca de soluções para as injustiças sociais.

ANITA LEOCÁDIA PRESTES

# OLGA BENÁRIO, MINHA MÃE

ANITA LEOCÁDIA PRESTES  
HISTORIADORA

Olga, grávida de sete meses, foi deportada para a Alemanha nazista pelo governo Getúlio Vargas, em setembro de 1936. Companhia dedicada de Luiz Carlos Prestes, meu pai, a quem salvara a vida quando ambos foram presos, pela polícia de Filinto Müller, em 5 de março daquele ano, no subúrbio carioca do Méier. Na ocasião, ela se interpusera corajosamente entre as policiais e o marido, impedindo o seu assassinato.

A deportação de Olga Benário Prestes e Elise Ewert - ambas militantes comunistas alemãs - foi um gesto de boa vontade de Vargas em relação a Hitler, expressando a aproximação então em curso entre os dois governos. Foi também vingança e castigo cruel impostos ao grande inimigo do regime varguista - Luiz Carlos Prestes, o "Cavaleiro da Esperança" para tantos brasileiros. Olga e Elise viajaram ilegalmente, sem culpa formada, sem julgamento nem defesa. Na calada da noite foram embarcadas num navio cargueiro, que partiu rumo a Hamburgo com ordens expressas de não parar em nenhum outro porto estrangeiro, pois havia precedentes de os portuários franceses e espanhóis resgatarem prisioneiros deportados para a Alemanha. Minha mãe ficou presa incommunicável na prisão de mulheres de Barminstrasse (Berlim), onde nasci, em novembro de 1936. Como resultado de importante e vigorosa campanha internacional pela libertação de Prestes e dos presos políticos no Brasil, assim como de Olga e de sua filha, fui entregue pela Gestapo à minha avó paterna - Leocádia Prestes, mulher valente e decidida, que encabeçava a campanha. Quando me separaram de minha mãe contava apenas 14 meses de idade. Não pude, portanto, guardar nenhuma lembrança dela. Logo depois, Olga seria transferida para outra prisão, em condições muito piores e, mais tarde, para o campo de concentração de Ravensbrück. Em abril de 1942, era assassinada numa câmara de gás no campo de Bernburg. A tragédia que atingiu Olga marcou minha vida. De que maneira? Poderia ter me tornado uma pessoa amargurada e descrente da humanidade, convencida de sua maldade intrínseca. Ou poderia ter me levado a pensar que os homens, embora em sua maioria não sejam maus, facilmente se deixam arrastar pela maldade de alguns. Sendo assim, não haveria por que acreditar no progresso da humanidade, não existiriam razões para qualquer otimismo em relação ao seu futuro.

Cresci e fui educada no seio de uma família comunista - a família de meu pai. Minha avó Leocádia, minha tia Lygia, que acabou sendo minha segunda mãe, meu próprio pai, minhas outras tias conduziram-me por outro caminho. Desde a mais tenra idade, foi-me mostrado o exemplo de meus pais - dois revolucionários comunistas que passaram por indescritíveis sofrimentos em nome de uma causa maior, a causa da emancipação da humanidade da exploração do homem pelo homem. Ou seja, nas palavras de Karl Marx, lutavam para que a humanidade ultrapassasse sua pré-história, ingressando na verdadeira história, fase em que seriam superadas as injustiças e desigualdades sociais, em que não mais existiria a alienação dos homens.

Desde cedo, aprendi com a vida de meus pais, com o exemplo de minha avó e, em especial, com martírio de Olga, que vale à pena lutar por um mundo melhor, mais belo e mais justo; que vale à pena ter esperança num futuro melhor para toda a humanidade. Aprendi que não devemos compactuar com a injustiça, que é necessário lutar contra ela e que, apesar de todas as dificuldades, das derrotas

Fotos Arquivo/DN



Olga Benário Prestes, esposa de Prestes

e sofrimentos, dos erros e dos fracassos, a humanidade caminha para frente, e os homens encontram maneiras de aperfeiçoar seus modos de viver. Hoje, na qualidade de historiadora que sou, entendo que esses ensinamentos recebidos na infância são verdadeiros: a história da humanidade nos mostra que o progresso é a tendência geral das sociedades humanas, embora se realize através de múltiplos e imprevisíveis retrocessos momentâneos, que por vezes podem durar muito, levando em conta o quanto a vida humana é efêmera.

Em suas cartas enviadas do cárcere, onde permaneceu durante nove longos anos, meu pai revelava a preocupação de que eu soubesse que nem ele nem Olga se sentiam infelizes com a sorte que o destino lhes reservara. Pelo contrário, apesar dos sofrimentos, apesar da imensa tristeza de se encontrarem separados um do outro, longe da filha e das pessoas que mais amavam, consideravam-se felizes por terem consciência do dever cumprido. E nisso, para eles, consistia a mais completa felicidade.

Da mesma forma, minha mãe, nas poucas cartas que conseguiu mandar do cativeiro, expressava o desejo de que eu fosse uma criança feliz e alegre, orgulhosa de meus pais terem se empenhado na luta por um mundo melhor, sem queixas nem arrependimentos. Seu sacrifício não era maior do que o de milhões de outros seres humanos que, naquele momento, enfrentavam os horrores da noite fascista que se abatera sobre a nossa civilização.

Havia, contudo, uma diferença importante. Meus pais, distintamente de milhões de inocentes que, como Anne Frank, sofriam e morriam sem conhecer as causas de tamanha desgraça, tinham consciência do fenômeno fascista e do seu perigo para a humanidade. Por isso, haviam lutado contra ele com todas as suas energias. Derrotados arcavam com as consequências de seu gesto. Mantinham-se, porém, confiantes de que o fascismo e sua variante alemã - o nazismo - seriam vencidos, como de fato se verificou, com a derrota dos países do Eixo, no final da Segunda Guerra Mundial.

Sua confiança decorria da profunda convicção científica que ambos haviam adquirido ao estudar o marxismo e ao travar conhecimento com a experiência pioneira de construção de uma sociedade socialista na União Soviética. A teoria marxista do socialismo científico lhes permitira compreender que o fascismo não podia ser explicado apenas pela loucura de um homem ou pelas tradições autoritárias ou militaristas de algumas sociedades. O fenômeno fascista expressava basicamente a crise que o sistema capitalista atravessava nos anos

30, representava a resposta do grande capital ao avanço do movimento operário em países como a Itália e a Alemanha.

A construção do socialismo na URSS lhes mostrara a superioridade desse sistema social em comparação com o capitalista. Apesar de imensas dificuldades enfrentadas pelo povo soviético, sitiado pelas potências imperialistas, as grandes conquistas do socialismo já eram visíveis através da realização concreta dos direitos sociais alcançados pelos trabalhadores. Nenhum país capitalista fora capaz de resolver os problemas básicos do homem como em poucos anos o fizera o primeiro país socialista.

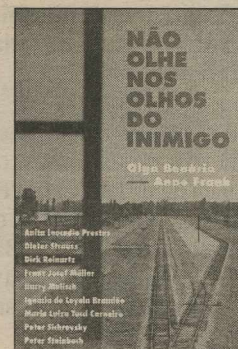
Naqueles anos terríveis, quando o fascismo tomava conta da Europa e a guerra revelava toda sua crueldade, poucos acreditavam na possibilidade de sua derrota. Posso orgulhar-me de que minha família - meus pais, minha avó Leocádia, minhas tias -, conhecedora da fibra do povo soviético, jamais tenha duvidado de sua vitória final no grande conflito que sacudiu o mundo. Essa confiança, aliada à compreensão do caráter profundamente retrógrado do fascismo, que o condenava, portanto, ao desaparecimento, permitiram aos meus pais resistir, com firmeza e sem perder as esperanças, às terríveis provações a que foram submetidos durante aqueles anos tormentosos. Segundo os testemunhos de companheiras do campo de concentração, Olga jamais se entregou ao desespero nem ao conformismo, lutou até o último momento de sua curta vida, infundindo coragem e confiança no futuro em todos aqueles que a rodeavam.

Inspirada no exemplo de meus pais, mantenho firme convicção de que para impedir a repetição do genocídio cometido pelo nazifascismo é necessário não eludir suas causas mais profundas. Se o Holocausto foi um crime hediondo, o fascismo não se resumiu ao Holocausto. E isso precisa ser dito, para que as gerações atuais não se iludam com a mensagem, que lhes é insistentemente transmitida, de que o nazismo teria sido uma espécie de loucura coletiva, centrada no ódio irracional aos judeus.

Sim, milhões de judeus foram sacrificados, mas por que não denunciar também o sacrifício de tantas outras nacionalidades, como ciganos, russos, ucranianos, poloneses etc.? Como não lembrar, junto com Anne Frank, as milhares de crianças das regiões ocupadas pelos nazistas, que foram arrastadas, com seus pais, aos campos de concentração e às câmaras de gás? E por que não recordar que as primeiras vítimas do nazifascismo, os primeiros a serem presos, foram os comunistas e os social-democratas? Minha mãe foi deportada para a Alemanha nazista porque era comunista. A condição de judia constituiu apenas um agravante em sua situação de prisioneira.

Creio que renunciar ao exame dos determinantes econômicos, sociais e políticos do fascismo só pode ser prejudicial ao esforço de todos os homens e mulheres de bem, que desejam ver os horrores do passado sepultados para sempre.

Artigo transcrito do livro "Não Olhe nos Olhos do Inimigo"



# MARIA CONCEIÇÃO P. DE GÓES

Fotos Arquivo/DN



Professora Conceição de Góis, historiadora da UFRJ e amiga pessoal de Anita Leocádia Prestes

Anita Leocádia é nascida de dois jovens apaixonados cujo amor misturava-se com um sonho belo e generoso de mudar o mundo, de torná-lo igualitário. Um jovem casal, cuja herança deixada foi essa dedicação total à causa socialista, na tentativa de mudar as estruturas brasileiras. Era o início do século XX. O capitalismo estava em ascensão crescente, criando uma sociedade de classes e tornando as jovens Repúblicas latino-americanas dependentes das nações onde a acumulação capitalista se fizera às custas da mais-valia retirada dos trabalhadores, da dominação colonial oriunda do ocidente europeu e dos Estados Unidos da América do Norte.

Luís Carlos, jovem tenente, amargava, ainda a derrota do movimento tenentista, que tentara reformar as instituições brasileiras e derrotar as oligarquias. Neste sentido, fez com outros companheiros a Longa Marcha, a chamada Coluna Prestes, percorrendo o Brasil sem conseguir o seu intento. Exilou-se na Bolívia. Teve acesso às teorias marxistas, foi até à Rússia, onde desde 1917 tentava-se implantar o socialismo e se organizara a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Conseguiu chegar até Moscou, fez cursos de marxismo e conheceu a bela e jovem revolucionária, Olga. Voltaram juntos para o Brasil. Era a década de 30. O Brasil, após a crise de 1929, procurava implantar a industrialização. Vargas recém-chegado ao poder, desalojara parte das oligarquias e, com a acumulação oriunda das exportações tenta modernizar o Estado. Modernização naquele momento, era sinônimo de industrialização. Industrialização também significava o crescimento da classe operária.

Luís Carlos Prestes acreditava que havia espaço no Brasil para as idéias socialistas. O Partido Comunista que fora fundado em 1922, ligado à Internacional Comunista, acolheu Prestes e Olga que passaram a liderar o movimento em busca das transformações sociais que levariam ao socialismo. Na década de 30 crescia o autoritarismo nazifascista que encontrara na Itália e na Alemanha terreno fecundo. Este, um

contraponto ao comunismo.

Exatamente em 1933, o Partido Nazista vence as eleições na Alemanha. Hitler é escolhido como Chanceler.

Os jovens revolucionários, Olga e Luís Carlos, não obstante a luta política, apaixonados, casaram-se.

Era a década de 30. O processo histórico estava em acelerada transição. A União das Repúblicas Socialista Soviética, também aumentava sua industrialização.

A Internacional Comunista propõe a luta imediata pela Revolução, no mundo. No Brasil ocorrem os levantes antifascistas de Natal, Recife e Rio de Janeiro. Então, a polícia de Vargas, desencadeia uma repressão inaudita sobre as forças políticas antifascista.

Luís Carlos e Olga são presos. O espírito da época é simbolizado pelas ações de Filinto Miller, este, um tenente expulso da Coluna Prestes por atos ilícitos.

Com o Estado Novo, instala-se o Tribunal de Exceção que inspira a expulsão de Olga. Vargas e Filinto Miller entregam a revolucionária e judia alemã, em adiantado estado de gravidez à GESTAPO de Hitler. Num Campo de Concentração nazista nasce Anita. Olga morre. Anita vive, graças a um movimento internacional liderado por Leocádia Prestes, sua avó, Anita é entregue à família. Leocádia e Lygia sua irmã, dedicam-se à educação de Anita.

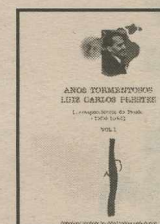
Esta luta de Anita pela vida, e a coerência herdada forjaram seu caráter de profissional lúcida e de combatente indômita.

Convivo com Anita há alguns anos. Juntas trabalhamos no Curso de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde ela é amada e respeitada por alunos e colegas de profissão. O traço marcante de sua personalidade é a seriedade profissional, e também, uma certa humildade estampada em seus belos olhos claros.

Maria Conceição Pinto de Góes, professora do Departamento de História da UFRJ e coordenadora do doutorado de História Comparada

## OBRAS EDITADAS POR ANITA PRESTES

A Coluna  
Prestes



Anos Tormentosos  
- Luiz  
Carlos Prestes  
(Correspondências  
da Prisão 1936-1945  
Volumes I, II e III

Da Insurreição  
Armada (1935) à  
União Nacional  
(1938-1945)



## DOCUMENTO



A carteira de identificação de  
Anita no Campo de  
Concentração

## A INSURREIÇÃO DE 1935



O escritor Graciliano Ramos e uma de suas principais obras, *Memórias do Cárcere*, que conta sua passagem pela prisão. A obra é analisada pela professora Brasília Carlos Ferreira em seu artigo, escrito especialmente para esta edição do DN Educação

Fotos Arquivo/DN



# Política e literatura

*Começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer.*

Graciliano Ramos

Completa 70 anos a Insurreição Comunista que eclodiu em Natal no dia 23 de novembro de 1935, tendo durado três dias. Nos dias 24 e 27 do mesmo mês houve tentativas frustradas de repetir o feito em Recife e no Rio de Janeiro. O recuo temporal favorece a rememoração do episódio: motivações, atores e conseqüências. E, através dele, refletir sobre os tortuosos caminhos da democracia brasileira. Também é ocasião propícia para celebrar os homens e mulheres que participaram daquele movimento, os conhecidos e os anônimos, que sofreram as agruras das prisões e das torturas e os que pagaram com a vida o empenho na luta por seus ideais.

Os anos trinta são fundamentais na história política do país. Marcam a entrada dos trabalhadores urbanos na cena pública, admitidos como interlocutores pelos vitoriosos da Aliança Liberal que levou Getúlio Vargas ao poder. Para os trabalhadores norte-rio-grandenses é um período de eferescência política, o movimento sindical está em ascenso alimentado pela disputa entre cafeístas e comunistas. O Partido Comunista se volta para a organização sindical, formando os

trabalhadores com o discurso ideologizado e sectário da frente única.

Era um tempo de ideais. Tempo de disputa em que tomar partido era fatal. A compreensão dos acontecimentos de 1935 e suas conseqüências passa pelos contextos nacional e local caracterizados por práticas políticas marcadas pelo radicalismo. No plano nacional, frente ao avanço do integralismo, os comunistas substituem a tática de frente única então em vigor, pela frente popular contra o fascismo e, em março de 1935, fundam a Aliança Nacional Libertadora. Formada como uma frente popular antifascista e antiimperialista, a ANL seria o primeiro movimento de massas de caráter nacional, chegando a organizar 1.600 núcleos em todo o país. Tendo Luís Carlos Prestes como Presidente de Honra, a ANL reuniu ex-tenentes, comunistas, socialistas, democratas e liberais. Para ela convergiram setores da classe média, estudantes e trabalhadores.

No plano local, circulavam rumores de que estava em preparação um movimento liderado pelos comunistas. A explicação para este evento está relacionada à cultura de rebelião que vinha se formando desde os anos 20, com o protagonismo de militares, do qual a Coluna Prestes é exemplar. As rebeliões tenentistas que pontuaram os anos 20, a vitoriosa Aliança Liberal dos anos 30, as disputas políticas locais, a acirrada disputa das eleições de 1934, somadas à contenda entre comunistas e integralistas, eram o caldo de cultura que fazia germinar as idéias de sublevação que impregnavam os militares do 21º BC e alimentavam o grupo de militantes comunistas.

As consignas Deus, Pátria e Família X Terra,

Trabalho e Liberdade, contrapunham integralistas e comunistas em confrontos de rua, não sendo raros os episódios marcados pela violência do enfrentamento direto. A ANL defendia um programa nacionalista de reformas sociais, econômicas e políticas, que incluía a reforma agrária. Aproveitando o apoio da sociedade à causa antifascista, Prestes lança, em julho de 1935, um manifesto pedindo a renúncia de Vargas. Em represália, o governo decretou a ilegalidade da ANL e o conseqüente fechamento de suas sedes em todo o país.

A revolta começou dia 23 em Natal com a sublevação do 21º BC. A escolha das datas permanece obscura em meio às versões disponíveis. Há quem afirme que a data teria sido marcada através de um telegrama falso do Chefe de Polícia, que já estava informado da iminência do movimento. Outros dizem que houve má interpretação da senha: a senha era 2 e 3, para ser interpretada como 25, mas foi lida como 23. Uma terceira versão afirma que o próprio Getúlio Vargas estava avisado do levante e mantinha a polícia atenta, na vigilância aos comunistas, desde a extinção da ANL.

Em qualquer dos casos, sobra estranheza diante da impossibilidade de que a rebelião fosse bem-sucedida. Ainda assim, o movimento pôs em fuga o governador Rafael Fernandes e todo o secretariado que no momento do ataque se encontravam no Teatro. Além disso, houve tentativa de expandir o movimento para as cidades do interior do estado, para onde seguiram caravanas dirigidas por militantes do Partido com a missão de destituir os prefeitos locais, nomear pessoas de confiança e implantar o socialismo, segundo depoimento de um dos participantes.

Tomou posse uma Junta Revolucionária assim constituída: Sargento Quintino Clementino Barros, Defesa; Lauro Lago, Interior e Justiça; José Macedo, Finanças; João Galvão, Viação; José Praxedes, Aprisionamento. Segundo Praxedes, João Lopes também integrou a Junta, que permaneceu no poder durante três dias.

Fracassado o levante, o governador reassumiu o governo do Estado e junto com as elites proprietárias iniciou a grande revanche. Rafael Fernandes era proprietário de salinas em Mossoró e o PCB havia organizado o sindicato dos operários em salinas, um sindicato fortemente ideologizado e que já realizara greves importantes e vitoriosas. Era uma categoria numerosa e até nos confrontos com o pequeno contingente policial, os trabalhadores eram vencedores, por estarem em maioria.

Chegara a hora da desforra. Foi organizada uma expedição punitiva que saiu recolhendo os trabalhadores sindicalizados, os militantes do PCB, os adversários políticos. Prefeitos que eram adversários do governador refugiam-se para não serem presos. Foi enviado telegrama ao Ministro da Justiça denunciando a perseguição. Interrogado, o governador reafirma a condição de extremistas dos seus opositores e legítima a caçada.

A repressão atingia a todos os adversários do

grupo no poder. Os cafeístas, os não cafeístas, partidários da Aliança Liberal, todos foram presos sob acusação de comunistas. A fúria maior abateu-se sobre os sindicatos, especialmente o das salinas. O fracasso do Levante ofereceu o pretexto para a destruição dos sindicatos. As sedes foram invadidas, o mobiliário e o material existente destroçado e toda a diretoria presa.

No dia 24, em Recife, rebelaram-se duas unidades militares, recebendo a adesão de trabalhadores. São rapidamente dominados. Gregório Bezerra, um dos líderes do movimento foi preso em João Pessoa, conduzido a Recife e torturado. Transferido para a ilha de Fernando de Noronha, foi condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional a 28 anos de prisão. Três dias depois, 27 de novembro, sublevou-se o 3º Regimento de Infantaria, na praia Vermelha, e a Escola de Aviação, no Campo dos Afonsos, ambos no Rio de Janeiro. Dois batalhões, sob o comando do capitão Agildo Barata, tentaram sair às ruas, sendo rapidamente controlados.

As tentativas de rebelião deixaram marcas decisivas na cena política brasileira. De um lado, revelou o distanciamento entre a esquerda organizada e a população. De outro, forneceu pretexto para o pensamento conservador ressaltar uma pretensa vocação golpista e antidemocrática das esquerdas. O movimento frustrado alimentou nas forças conservadoras seu ideário anti-mudanças e anti-povo.

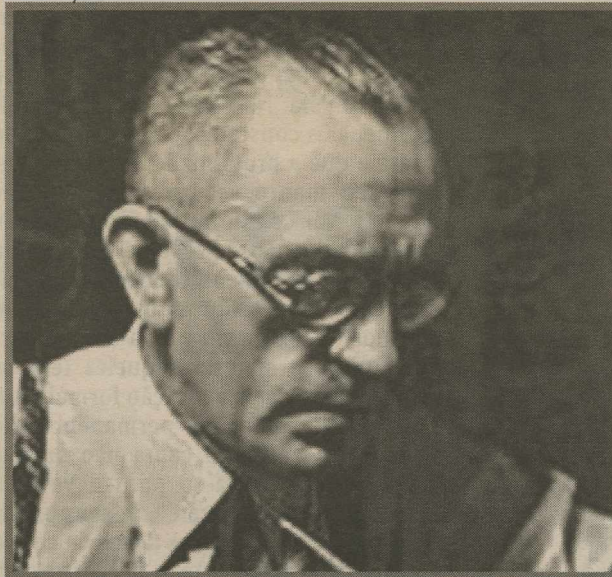
O ponto comum aos três movimentos é a participação determinante do PC, mesmo que jamais assumida oficialmente pelo partido. Em Natal foi publicada uma carta em um jornal chamado "ALIBERDADE", cujo título-exortação diz bem a inspiração do movimento: Delenda, Fascismo! Visto com olhos de hoje, soa incompreensível e politicamente voluntarista um movimento com aquelas características. Ele só pode ser compreendido no contexto de intensa agitação social, rebeldia dos militares e presença ativa

## As tentativas de rebelião deixaram marcas decisivas na cena política brasileira



Lauro Lago, secretário de Interior e Justiça do Governo Comunista, e Mário Paiva: 10 anos de prisão

Fotos Arquivo/DN



O escritor Graciliano Ramos durante o processo de escrita

do PCB naquele período.

Malgrado o levante, foi decretado o Estado de Sítio em todo o país. Tem início uma caçada inédita na história brasileira. Rebeldes, simpatizantes, sindicalistas e pessoas alheias ao movimento são perseguidos, presos, torturados, mortos. As prisões recebem centenas de pessoas, muitas das quais em função de querelas locais, sem a menor ligação com a rebelião. Muitos caem na clandestinidade. Prestes é preso, permanecendo na prisão até 1945. Sua mulher, a judia Olga Benário é entregue à Gestapo, polícia política nazista, e viria a morrer em um campo de concentração da Alemanha, em 1942.

Graciliano Ramos é um caso exemplar. Foi preso em Maceió sem acusação formal, somente viria se a filiar ao PCB em 1947. Sobre sua prisão se expressa de forma concisa, quase telegráfica, enigmática como uma charada: não me acusavam: suprimiam-me. Aquela contradança desorientava-me. Foi levado para Recife e de lá para o Rio de Janeiro, onde passou por várias prisões: Pavilhão dos Primários da Casa de Detenção, Colônia Correccional de Dois Rios (na Ilha Grande), novamente Casa de Detenção e, por fim, ficou na Sala da Capela de Correção.

Em todas elas, conviveu com muitos dos que haviam participado da rebelião de 1935, e com tantos outros que, tal como ele, não tiveram qualquer vinculação. A amarga experiência nas prisões, junto com centenas de homens e mulheres de diversos estratos sociais e níveis distintos de implicação com os acontecimentos de 1935, levaram-no a produzir uma obra memorialística, Memórias do Cárcere, que deixada inconclusa, viria a ter publicação póstuma.

Originalmente disposto em quatro volumes, Memórias do Cárcere é um documento/monumento de uma época. Fala de um momento particular da história de nosso país, um tempo de opressão em que homens e mulheres idealistas, partidários da democracia e da liberdade foram obrigados a habitar celas de prisões. Nele, Graciliano, registra a violência do Estado Novo sobre as pessoas acusadas de conspirar contra o governo Vargas. Através de sua narrativa acompanhamos não apenas sua trajetória nas prisões, mas também a de muitos outros brasileiros e estrangeiros, militantes comunistas e não comunistas, homens e mulheres feitos prisioneiros a partir da fracassada tentativa de sublevação que entraria para a história como o Levante Comunista de 1935.

Em Memórias do Cárcere, Graciliano descreve sua via-sacra e de seus companheiros de prisão de maneira seca, realista, sem adjetivações. Como se fizesse uma autópsia. Não há emoção ou revolta. Apenas a constatação de que o tempo virara e que a brutalidade da prisão lançara seu manto escuro sobre aquelas pessoas. Não se esforça em fazer ficção, é de realidade que se faz sua escrita e nela coisas, acontecimentos e pessoas figuram com suas próprias estaturas. Sem adornos. O texto evoca uma certa amargura que é a matéria daqueles tempos difíceis. Preso, sem acusação formal, sem previsão do tempo de permanência na prisão, sua narrativa capta não apenas suas agruras, volta-se para a variada fauna humana que o cerca, os seus próximos não escolhidos, e os descreve com o mesmo distanciamento e desgosto com que descreve a si mesmo.

Em certo momento ele escreve: o mundo se tornava fascista. Num mundo assim, que futuro nos reservariam? Provavelmente não havia lugar para nós, éramos fantasmas, rolaríamos de cárcere em cárcere, findaríamos num campo de concentração. Nenhuma utilidade representávamos na ordem nova. Se nos largassem, vagariamos tristes, inofensivos e desocupados, farrapos vivos, fantasmas prematuros; desejaríamos enlouquecer, recolhermo-nos ao hospício ou ter coragem de amarrar uma corda ao pescoço e dar o mergulho decisivo. Essas idéias, repetidas, vexavam-me; tanto me embrenharam nelas que me sentia inteiramente perdido.

Graciliano fora Prefeito de Palmeira dos Índios e Secretário de Instrução Pública de Maceió, mas se realizava como escritor. Através do texto fino, cortante, sem gorduras, era possível apreender nele as idéias que alimentavam a pena exigente. Graciliano tinha olhos de ver e era crítico do que via: uma cidade, um estado, um país, voltado para sua própria mediocridade. As críticas aos privilégios, as idéias contrastantes com o pensamento em voga, levaram-no à prisão. O que eu desejava era a morte do capitalismo, o fim da exploração, diz ele, como se fosse pouco.

Trabalhadores norte-rio-grandenses que partilharam com Graciliano as mesmas pri-

sões e a angústia de vir-a-ser, foram imortalizados em sua obra. Entre as páginas surgem, entre outros, Lauro Lago e José Macedo, Secretários do Interior e da Fazenda da Junta Provisória de Natal em 1935. Segundo Graciliano, tinham-se agüentado 48 horas, esperando que o resto do país se rebelasse. Além deles, havia muitos outros norte-rio-grandenses, como Epifânio Guilhermino, João Francisco Gregório, João Rocha, Paulo Pinto, Sebastião Félix, Euclides, Gastão, Domício Fernandes, Ramiro Magalhães, Carlindo Revoredo, Mário Paiva, Carlos Van der Linden, Horácio Valadares, João Anastácio, Paulista. Também foram seus contemporâneos na prisão, Hercolino Cascardo, Agildo Barata, José Medina, Rodolfo Ghioldi, Lourenço Moreira Lima, Álvaro Ventura, Apolônio de Carvalho e Antônio Maciel Bonfim, o polêmico Miranda, dirigente partidário que entraria na história como informante da polícia. Entre as mulheres estavam Nise da Silveira, Olga Prestes, Elisa Berger, Carmem Ghioldi, Leonila, Maria Joana, Maria Werneck, Rosa Meireles, Valentina e Beatriz Bandeira.

Muitos dos nomes citados já eram pessoas conhecidas, fizeram história, seus nomes figuram em livros, são estudados nas universidades. Outros, tornaram-se profissionais de destaque, nas suas áreas de atuação, como Nise da Silveira, notável psiquiatra que viria a fundar o Museu do Inconsciente. Mas, entre os prisioneiros e prisioneiras, também havia homens e mulheres simples, estivadores, trabalhadores em salinas, sindicalistas. A referência a eles, mesmo aos desconhecidos, é uma espécie de reconhecimento de sua existência, finalmente, foram atores importantes num certo momento da história, ousaram desafiar o conservadorismo reinante, e propor alterações na sociedade. Isso lhes dá o direito à imortalidade.

Mas, naquele momento, eram apenas seres humanos ordinários, tragados pelo braço forte do autoritarismo, sem grandes chances de sobrevivência. Haviam deixado para trás, família, trabalho, a comunidade de pertencimento. Levavam consigo apenas os ideais. O próprio Graciliano, já um escritor reconhecido e admirado, expressa a fragilidade de suas vidas, ao afirmar o quanto eram vulneráveis: éramos insignificâncias, miudezas supressas do organismo social, e podíamos ser arrastados para cima e para baixo, sem que isto significasse inconveniência. Informações vagas e distantes, aleivosias, o rancor de um inimigo, deturpações de fatos de repente nos causaríamos choque e mudanças. Dependíamos disso.

Mas, a convivência com militares traz surpresas para Graciliano. Ele descobre que a solidariedade não é atributo de classe, de raça, de categoria profissional, dos militares ou dos paisanos. Ele descobre o ser humano, em sua condição de ser humano. Sem rótulos. Antes de embarcar de Recife para o Rio de Janeiro, o capitão Lobo o surpreende com a oferta de empréstimo, para prover necessidades futuras nas próximas cadeias. Diante de fato surpreendente, reage com humildade: realmente a desgraça nos ensina muito; sem ela eu continuaria a julgar a humanidade incapaz de verdadeira nobreza.

Deportado para o Rio de Janeiro, com uma breve passagem por Recife, permaneceu preso até 1937. Sem culpa formada. Ele próprio admite sua hesitação em traduzir em texto a experiência. Tanto assim que demorou quase 10 anos a fazê-lo. Jus-

tifica o ato de escrever as memórias de um tempo sombrio: resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos. Escreverei talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita. Ele fora preso por culpa de pensamento, por escrever livros perigosos. Minhas armas fracas e de papel somente podiam ser manejadas no isolamento.

A memória daqueles episódios, além de possibilitar a reflexão sobre evento singular de nossa história política, nos oferece a oportunidade de lançar um olhar crítico sobre o Século XX do qual este conflito é apenas um dos episódios. Ele teve como marca central a disputa entre comunistas e anticomunistas. No Brasil, como lá fora, a disputa capitalismo X socialismo dividiram corações e mentes. A disputa entre os dois projetos de sociedade trouxe a guerra fria e a reforma do capitalismo produziu o estado de bem estar social. A rememoração dos eventos de 1935, traz de volta um tempo em que as disputas políticas eram balizadas por utopias.

O episódio de 35 forneceu as bases políticas e sociais para a forte tradição anticomunista na sociedade brasileira. Tradição que se alimentou da difusão de versões apócrifas sobre 1935, divulgadas pelo Estado e pelo pensamento conservador. O conjunto de representações sobre o evento produziu um vigoroso imaginário anticomunista, que desde então, pontua negativamente o espaço da política. As construções em torno da Insurreição Comunista, forjaram os pilares do agressivo anticomunismo brasileiro, respaldando atitudes repressivas contra ações e práticas de esquerda em nosso país.

Hoje, 70 anos depois, vivemos em um outro mundo. A ausência de utopia atingiu fortemente as instituições tradicionais de representação como Partidos e Sindicatos. A crise da esquerda ampliou-se. O século XX destruiu as certezas ao evidenciar a crise do projeto civilizatório. Crise dos paradigmas, fim das grandes narrativas, emergência da mídia como criadora de uma nova historicidade. Esses acontecimentos vão alterar profundamente a vida política das sociedades. No contexto da crise da modernidade, fez-se tábula rasa das conquistas sociais e econômicas resultantes de mais de cem anos de lutas sociais, vistas agora como arcaísmos e entraves à nova ordem neo-liberal. As idéias de tradição, memória, passado, experiência cedem lugar à efemeridade dos saberes e à fragmentação do social.

Tudo isso conduz ao estranhamento da Insurreição de 1935, um evento da época em que a luta pelo socialismo enchia o mundo de esperança. Mas, para além de avaliações e julgamentos, erros e acertos, vale a pena lembrar um tempo em que a capacidade de sonhar e de lutar pela utopia de um outro Brasil mobilizava homens e mulheres, letrados, e trabalhadores braçais. Afinal, apesar de todas as mudanças permanece a certeza de que é a partir da ação dos homens e mulheres, que se dá forma à sociedade. Portanto, sempre será tempo de mudar o mundo mudado.

**Brasília Carlos Ferreira é  
Professora do Depto  
de Ciências Sociais da UFRN**

Arquivo/DN



Eliezer, Macedo e Galvão, secretários de Estado, foram presos e condenados há 10 anos



1935 - 70 ANOS DEPOIS

# A primeira experiência comunista na América

**A**s 19h30min do sábado, 23 de novembro de 1935, o 21º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro, sediado em Natal, iniciou um levante liderado por sargentos e cabos filiados ao Partido Comunista do Brasil e à Aliança Nacional Libertadora, organização política de esquerda, recebendo a adesão da direção do PCB e a participação de operários, populares e ex-integrantes da guarda civil do Estado. Consolidado o controle militar, foi instalado um autodenominado "Comitê Popular Revolucionário" que, durante 80 horas, até a madrugada do dia 27, manteve o controle da capital e de dezessete cidades do interior, dissolvendo-se e pondo-se em fuga ante a aproximação de tropas leais ao governo federal, provenientes dos estados vizinhos. O episódio ocorreu simultaneamente com dois outros levantes militares frustrados no Recife e no Rio de Janeiro, desencadeando uma violenta repressão que levou à prisão milhares de cidadãos, entre eles o líder comunista Luiz Carlos Prestes, e culminando com o golpe militar de 1937, que implantou o regime de direita denominado Estado Novo. Finalmente, apesar do curto período, da ausência de medidas sociais de maior vulto e da desorientação de seus líderes, entrou para a História como a primeira experiência comunista de governo no continente americano.

Este trabalho é fruto de pesquisa minuciosa do médico Ivis Bezerra, ex-secretário estadual de Saúde. "Não tenho a pretensão de analisar sociologicamente as causas da revolta ou as suas conseqüências para a história política do país, e sim apenas oferecer às novas gerações com base na razoável literatura existente, em pesquisa na imprensa da época e na memória pessoal, na condição de filho e neto de contemporâneos do episódio, as informações que possam ajudar a dirimir algumas das dúvidas existentes", diz ele. O trabalho, segundo Ivis Bezerra, é também uma homenagem àqueles que, de um lado ou de outro, acertada ou equivocadamente, há setenta anos, com idealismo e patriotismo, lutaram por mudanças sociais ou defenderam a legalidade.

Arquivo/DN



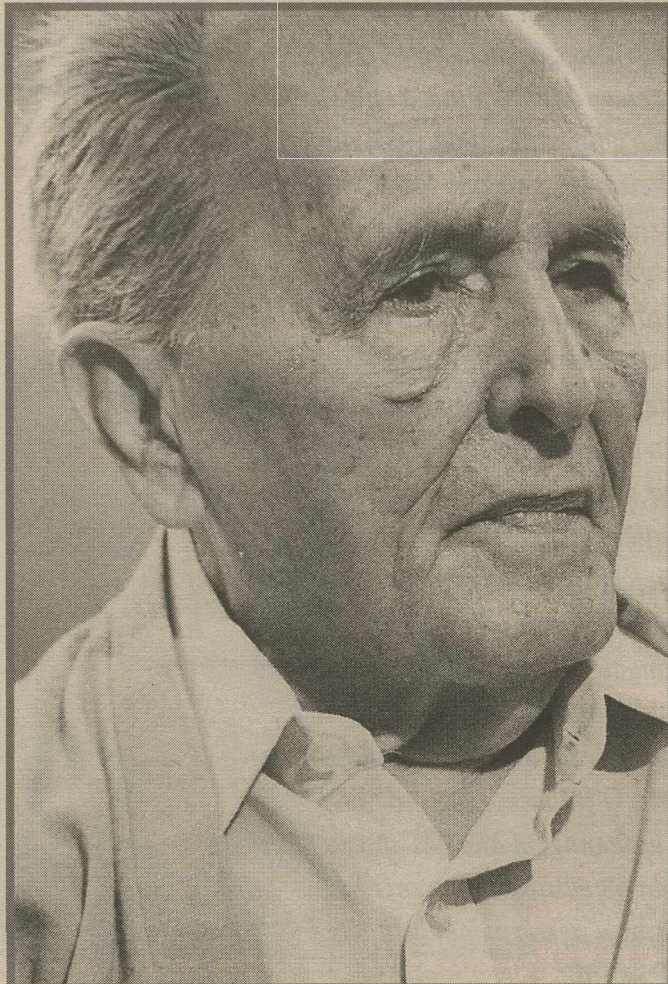
Ivis Bezerra fez pesquisa detalhada sobre a Revolta Comunista e valeu-se, também, da memória dos fatos, já que é filho e neto de contemporâneos do episódio

# Do tenentismo ao comunismo de Prestes

A partir de 1932, o país viveu uma fase de agitação política, social e militar, talvez nunca igualada em outros períodos de nossa história, e que somente terminou no final de 1935, com as revoltas militares do Rio de Janeiro, Recife e Natal, cuja derrota deu início ao longo período de repressão que culminou com a implantação do Estado Novo, em 1937, e findou com a redemocratização e a deposição de Vargas, em 1945.

A revolução de 1930, tendo como bandeiras a representatividade do voto popular, o combate ao coronelismo político, à corrupção e ao atraso econômico, derrubou a República Velha, cujos principais expoentes eram os chefes políticos tradicionais de São Paulo e Minas Gerais, que se alternavam no poder, na chamada "política do café-com-leite", numa alusão às principais atividades econômicas daqueles estados. A ascensão de Getúlio Vargas ao governo provisório foi fruto de uma aliança heterogênea de políticos emergentes com dissidentes oportunistas do antigo regime e uma geração de jovens militares idealistas e politizados que, há uma década, lutavam por re-

Arquivo/DN



Luiz Carlos Prestes foi o principal líder do Movimento de 1935

formas políticas, através de intervenções militares.

A primeira dessas foi o levante da guarnição do Forte de Copacabana em 5 de julho de 1922, liderado pelos tenentes Eduardo Gomes e Siqueira Campos, um episódio que ficou conhecido como "Os Dezoito do Forte" e foi o ponto de partida do movimento conhecido como "tenentismo", que empolgou toda uma geração de militares, divididos ao longo de quadro décadas entre várias tendências ideológicas, sendo alguns de seus expoentes, como Juarez Távora, Cordeiro de Farias, Juraci Magalhães e Ernesto Geisel, orientadores do golpe militar de 1964. O "tenentismo" era um movimento ao mesmo tempo nacionalista, contra a dependência do capital externo, anti-oligárquico, no combate ao coronelismo político e moralista, combatendo a corrupção nos vários níveis de governo. A grande contradição do movimento tenentista reside em sucessivas tentativas de purificação da democracia e valorização do voto popular através de intervenções militares, dentro da tradição das forças armadas, desde a proclamação da República. Em 1924, ocorreu o segundo 5 de Julho, com o levante das guarni-

ções do Exército e da Força Pública de São Paulo e de quartéis de Exército na fronteira do Rio Grande do Sul, que ao serem reprimidas pelas forças legalistas, promoveram uma retirada estratégica e se uniram naquela que seria a lendária Coluna Prestes, comandada pelo capitão Luiz Carlos Prestes e que, contando com 1.500 homens, percorreria 25 mil quilômetros em 14 estados, durante trinta meses, até exilar-se na Bolívia, em 24 de março de 1927.

A extraordinária capacidade de liderança militar, os dotes de estrategista exímio, a austeridade pessoal e o caráter inatacável do jovem capitão de 24 anos, somaram-se à fama que a "coluna invicta" angariou no imaginário popular, e resultou na entrega simbólica a Luiz Carlos Prestes da liderança do tenentismo e, por extensão, daquela que então se denominava a Revolução Brasileira, anti-oligárquica, liberal, moralista e in-

dustrializante. Exilado na Bolívia e a seguir na Argentina, Prestes não era mais o idealista apolítico. Iniciou-se na leitura de Marx e nos contatos com os comunistas argentinos. Após a derrota de Getúlio Vargas nas eleições presidenciais de 1930 para o candidato do presidente Washington Luís, Prestes passa a ser assediado pelos tenentes e pelo próprio Vargas, para assumir o comando do movimento militar. A essa altura, descrente da democracia liberal-burguesa, funda a Liga de Ação Revolucionária, de existência efêmera, recusa a adesão à Aliança Liberal no famoso manifesto em que renega seu passado tenentista e afasta-se da maioria de seus mais destacados comandados da Coluna, que apóiam Vargas, com ele chegam ao poder em outubro de 1930 e assumem importantes funções no Governo Provisório e como interventores em vários estados. Combatido pelo Partido Comunista do Brasil que, fundado em 1922, seguia então uma linha sectária, "obreirista", Prestes faz contato direto com a Internacional Comunista e é convidado para passar uma temporada de estudos do marxismo-leninismo na União Soviética, para onde viaja em setembro de 1931 e onde permanece até abril de 1934, quando chega ao Brasil, em companhia de Olga Benário.

Enquanto isso, a situação política no Brasil deteriorava-se em face da crise econômica e das contradições existentes no interior do governo Vargas, um amontoado heterogêneo de interesses conflitantes: os "tenentes" insatisfeitos com a ausência de reformas sociais, os cafeicultores e industriais paulistas inconformados com a perda do mando, os liberais clamando por eleições. Em 1932 eclode a Revolução Constitucionalista em São Paulo que, mesmo derrotada, consegue um objetivo: pressionado, Vargas convoca eleições para uma Assembléia Nacional Constituinte que, instalada em 15 de novembro de 1933, foi palco e iniciou um período de dois anos dos mais agitados da vida parlamentar brasileira.

Apesar da ampla maioria obtida pelo governo e da eleição indireta de Vargas para um mandato constitucional de quatro anos (1934 - 1938), uma aguerrida bancada de oposição repercutiu no congresso a agitação e a polarização ideológica existente no país. Plínio Salgado fundaria, em 1933, a Ação Integralista Brasileira, organização de orientação fascista que empolgou os setores de direita, inclusive com forte penetração nos quartéis e marcada linha anticomunista. De outro lado, começavam a articular-se os setores democráticos de esquerda, que incluíam socialistas, nacionalistas, trotskistas, operários, camponeses, intelectuais e estudantes, para a formação de uma organização que contrabalançasse o crescimento do fascismo e forçasse o governo Vargas a tomar medidas populares.

Fotos Arquivo/DN



Prestes no Conselho Especial da Justiça Militar, onde foi julgado como desertor do Exército

Instalada em março de 1934, a Aliança Nacional Libertadora era uma frente ampla, cuja principal força era constituída pelos tenentes dissidentes da Revolução de 30, inconformados com os rumos tomados e que ainda reconheciam em Prestes o seu líder e comandante. Seu presidente era o capitão da marinha Hercolino Cascardo, revolucionário de 30, democrata de esquerda e interventor federal no Rio Grande do Norte de julho de 1931 a julho de 1932. Oito dos dezessete membros do Diretório Nacional eram militares. O Partido Comunista do Brasil somente a ela aderiu após a decisão da Internacional Comunista de recomendar aos seus partidos filiados, a política de frente popular. Antes disso porém, muitos "tenentes" comunistas haviam aderido. A chegada de Prestes ao Brasil, seu apoio à ANL - Aliança Nacional Libertadora, e sua escolha para presidente de

honra incendiaram o tenentismo, aumentou a adesão ao movimento e produziu uma seqüência de assembléias e manifestações populares, que culminaram com os grandes comícios do dia 5 de julho em São Paulo e no Rio de Janeiro. Neste, o estudante Carlos Lacerda leu o manifesto de Prestes, sectário e provocativo, que ao final proclamava: "abaixo o fascismo, por um Governo Popular Nacional Revolucionário, todo o poder à ANL". Seis dias depois, o governo publicou o decreto de fechamento da ANL e a prisão de numerosos oficiais aliancistas. Esses atos, embora não justificassem, influenciaram decisivamente a eclosão dos levantes de novembro.

Compreensivelmente, desde a adesão de Prestes ao marxismo-leninismo em 1929, o Partido Comunista o rejeitava, em parte pelo radicalismo da linha "obreirista" que afastou da direção os intelectuais, substituídos por qua-

dro oriundos do operariado. Alegando sua origem pequeno-burguesa e seu personalismo, na realidade temiam que seu prestígio popular se sobrepusesse ao partido e faziam forte oposição ao que então se denominava "prestismo". Seu ingresso no PCB somente ocorreu por imposição da Internacional Comunista, na ocasião da ida dos integrantes do Comitê Central a Moscou, para participar do VII Congresso da IC - Internacional Comunista, em outubro de 1934. Nessa ocasião foi também decidida a volta de Prestes ao Brasil e a preparação para instalação, no Rio de Janeiro, do Bureau Sul-América da IC, que seria transferido de Buenos Aires, para o qual, a pedido do Comitê Central, foram destacados cinco quadros da organização com funções de assessoramento, entre eles, Olga Benário e Arthur Ernst Ewent, o "Harry Berger", ambos alemães. No primeiro semestre de 1934 assume o cargo de Secretário Geral do PCB, Antônio Maciel Bonfim, o Miranda, um professor primário do interior da Bahia, que ascendeu graças à política "obreirista" do partido e seu reconhecido poder de envolvimento, inclusive dos membros da Internacional. Seus relatórios, tanto para Moscou como para o CC - Comitê Central, em tom triunfalista, alegavam que o país estava pronto para a revolução socialista, com intensa mobilização no campo (o que era uma fantasia), nos sindicatos (um exagero) e no meio militar. Prestes, afastado da realidade brasileira devido a dez anos de lutas, exílio e clandestinidade, dotado de uma personalidade destituída de sentido pragmático e de oportunidade, fatalmente entregou-se aos mesmos devaneios.

A partir de julho de 1935, fechado o único canal de atuação política legal, a ANL - Aliança Nacional Libertadora, os tenentes aliancistas e comunistas recomeçaram a prática do esporte preferido de sua geração há treze anos: a conspiração. E a preparação daquilo que sua formação autocrática entendia como a forma mais justa de tomar o poder para realizar as reformas que julgavam necessárias para o país: o levante, o golpe, o "putsch". Em várias guarnições do país, mas, principalmente, no Rio de Janeiro, em Recife, Maceió, João Pessoa, Natal, Belém e Manaus, articulavam-se oficiais, sargentos e cabos para um movimento militar que não se sabia quando ou onde começaria, mas para o qual todos tinham uma certeza: o comandante seria Luiz Carlos Prestes.



Bancada do Partido Comunista, em 1947, com Prestes (1) no Senado e Jorge Amado (13), na Câmara

Arquivo/DN



Aldo Fernandes foi secretário geral do Estado no Governo de Rafael Fernandes que, durante três dias, foi substituído pelos comunistas no RN

## Natal administrada por interventores federais

As agitações políticas e sociais da primeira metade da década de 30 repercutiram no Rio Grande do Norte de forma amplificada. Com a vitória da Revolução Liberal e a deposição do presidente Washington Luis, findava em nosso estado um ciclo de dominação política iniciado com a proclamação da República e a instauração da oligarquia dos Albuquerque Maranhão, da qual as expressões principais foram os presidentes (denominação dada na época aos governadores) Pedro Velho (o líder, falecido precocemente), Alberto Maranhão (dois mandatos), Ferreira Chaves e Tavares de Lira. Diretamente, ou através de prepostos, esse grupo, favorecido pelas "eleições a bico de pena", conduziu os destinos do estado até o início da década de 20, quando consolidou a sua força política, um coeso grupo de oligarquias familiares baseado no latifúndio agropastoril e no poder local. Essa confederação de oligarquias tinha sua expressão máxima na região do Seridó, de onde vinham suas principais lideranças, entre as quais se destacava no final da década, como seu incontestável coman-

dante, José Augusto Bezerra de Medeiros, várias vezes deputado geral (federal), senador e presidente (governador) no quadriênio 1924-1927, elegendo seu sucessor. José Augusto era um líder nato. Inteligente, bom orador, ameno no trato, sedutor, conciliador e sobretudo excelente articulador, detinha o comando político com suavidade, o que facilitava a coesão interna do partido e dificultava as ações da débil oposição. Seu sucessor, o também seridoense Juvenal Lamartine de Faria, tinha temperamento diverso. Culto, estudioso das questões econômicas da região, atualizado, com vocação mais dirigida para a ação administrativa que para a política, eleito para o quadriênio 1928-1931, realizou governo dinâmico, modernizador, estimulador da cultura e dos esportes, mantenedor da ordem pública. Criou o aeroclube, implantou campos de pouso no interior, abriu estradas, foi pioneiro dos direitos femininos, fazendo aprovar legislação estadual que concedia o direito de voto à mulher, pioneiro no país. O combate ao banditismo e ao cangaço, os excessos ocorridos e sua personalidade autoritária contribuíram para o crescimento da oposição, principalmente nos reductos locais, sendo seu principal líder o jornalista e advogado trabalhista João Café Filho. Deposto pela revolução liberal e exilado na Europa, Lamartine foi substituído por uma junta militar, em 5 de outubro de 1930.

Entre 12 de outubro de 1930 e 29 de outubro de 1935, o Rio Grande do Norte teve cinco interventores nomeados pelo governo provisório, chefiado por Vargas. Essa rotatividade de curtos períodos contribuiu para a descontinuidade admi-

nistrativa e a instabilidade política. De 12 de outubro a 27 de novembro de 1930, Irineu Joffily, advogado e paraibano, cuja dupla condição provocou ciúmeira dos tenentes e dos políticos potiguares, resultando em desgaste e breve destituição. De 28 de novembro de 1930 a 2 de julho de 1931, Aluisio Moura, tenente do Exército e casado com natalense, seria depois chefe de polícia e comandante da polícia militar (1933/1934). De 3 de julho de 1931 a 10 de julho de 1932, o capitão da Marinha, Herculino Cascardo, catarinense, revolucionário de primeira hora, tenentista de orientação esquerdista e que seria um ano depois, fundador e presidente da Aliança Nacional Libertadora. De 11 de julho de 1932 a 1 de agosto de 1933, Bertino Dutra, capitão da Marinha e também casado com natalense, que governou no período da revolta constitucionalista paulista de 1932 e destituído de aptidão política. Finalmente, em 2 de agosto de 1933, assume o primeiro civil e norte-rio-grandense, Mário Leopoldo da Câmara, que veio com a missão específica de preparar o terreno para dar a vitória no estado, nas eleições de novembro de 1934 para Assembléia Estadual Constituinte, ao Governo Vargas. Filho de um prestigioso político de oposição da República Velha, o ex-deputado Augusto Leopoldo da Câmara, residindo há muitos anos no Rio de Janeiro e, portanto, afastado do radicalismo local, alto funcionário do Ministério da Fazenda, adquiriu a confiança de Vargas como seu chefe de gabinete naquele ministério no período de 1926/1927 e era seu oficial de gabinete na presidência quando de sua designação para a interventoria.

Entre outubro de 1930 e outubro de 1935, o RN teve cinco interventores nomeados pelo governo

Mário Câmara trazia orientação de Vargas, de aproximar-se de José Augusto e fazer uma composição com seu grupo político. Sua missão não parecia difícil. A grande maioria dos políticos da República Velha, gradualmente iniciou sua aproximação com o governo federal a partir de 1931. O Partido Popular fundado por José Augusto em janeiro de 1933, reunindo os antigos situacionistas, elegera três dos quatro deputados noroeste-riograndenses à Assembléia Nacional Constituinte, que já haviam declarado apoio ao governo, inclusive à eleição indireta de Vargas para presidente constitucional que ocorreria em 17 de julho de 1934. Histórica fotografia do ato de fundação do partido, mostra na primeira fila o jovem estudante do Atheneu, Aluísio Alves, o qual, aos 11 anos, já demonstrava a mesma precocidade política que o fez deputado federal aos 21 anos e governador aos 39 anos. O novo interventor foi recebido com boa vontade pelo Partido Popular e pelo seu jornal A Razão e os entendimentos prosseguiram, estimulados pela demissão do chefe de polícia Café Filho, tradicional adversário do grupo oposicionista. O impasse estabeleceu-se quando Câmara concordou com a participação dos populistas no governo com a condição de formação de um novo partido que congregasse os dois grupos. Temerosos de entregar o comando político ao interventor, os líderes recusam a auto-extinção do seu Partido Popular e, apesar da intervenção direta de Vargas, Mário Câmara, estimulado pelos correligionários e picado pela "mosca azul", funda em julho de 34 o seu Partido Social De-

**A partir de abril de 1935, com a vitória da oposição, o ambiente político adquiriu temperatura elevada**



O movimento revolucionário de 1935 tentava tirar do poder o presidente Getúlio Vargas

mocrático, coopta um deputado federal do PP, Francisco Martins Veras, articula os prefeitos (então nomeados pelo interventor) e reconcilia-se com Café Filho, formalizando uma coligação do PSD com o PSN, denominada Aliança Social. Estava dada a partida da mais radical das campanhas políticas de nosso estado e que, marcada pela paixão e pela violência, envolveu grande parte da oficialidade do Exército destacada no 21 BC.

A primeira manifestação de violência ocorreu precocemente, com o assassinato, em maio de 1934, cinco meses antes da eleição, do chefe oposicionista de Apodi, Francisco Pinto. Em agosto, durante comício do Partido Popular em Parelhas, houve tiroteio entre membros de ambas as facções, resultando em um morto e dois feridos. Em 13 de fevereiro de 1935, dias antes das eleições suplementares que foram realizadas em 39 seções eleitorais de 23 municípios, uma escolta da polícia militar com a missão de prender o agrônomo Otávio Lamartine, filho do ex-governador, baleou-o e causou sua morte, na fazenda Ingá, em Acari, provocando grande comoção e indignação no estado, com repercussão na imprensa e na Assembléia Nacional.

Durante toda a campanha eleitoral, que durou oito meses, foi notória a participação da maioria dos oficiais do 21 BC em apoio ao Partido Popular, um fiel retrato da indisciplina que reinava nos quartéis naquele período. Esse fato determinou uma disputa junto ao Ministério da Guerra, entre o interventor, com prestígio no gabinete presidencial e José Augusto, muito ligado às bancadas gaúcha e mineira. No entretanto, bem ao seu estilo, Vargas "cozinhou" os dois lados até o final do processo. Merece registro, por retratar muito bem o ambiente de boatos e intrigas, a solicitação do interventor ao comandante da região militar para a transferência de dez sargentos que supostamente também estariam apoiando a oposição "liberal". Curiosamente, quatro deles estiveram entre os mais destacados líderes do levante de novembro. As eleições realizaram-se em 14 de outubro de 1934 e tiveram a participação também

Fotos Arquivo/DN



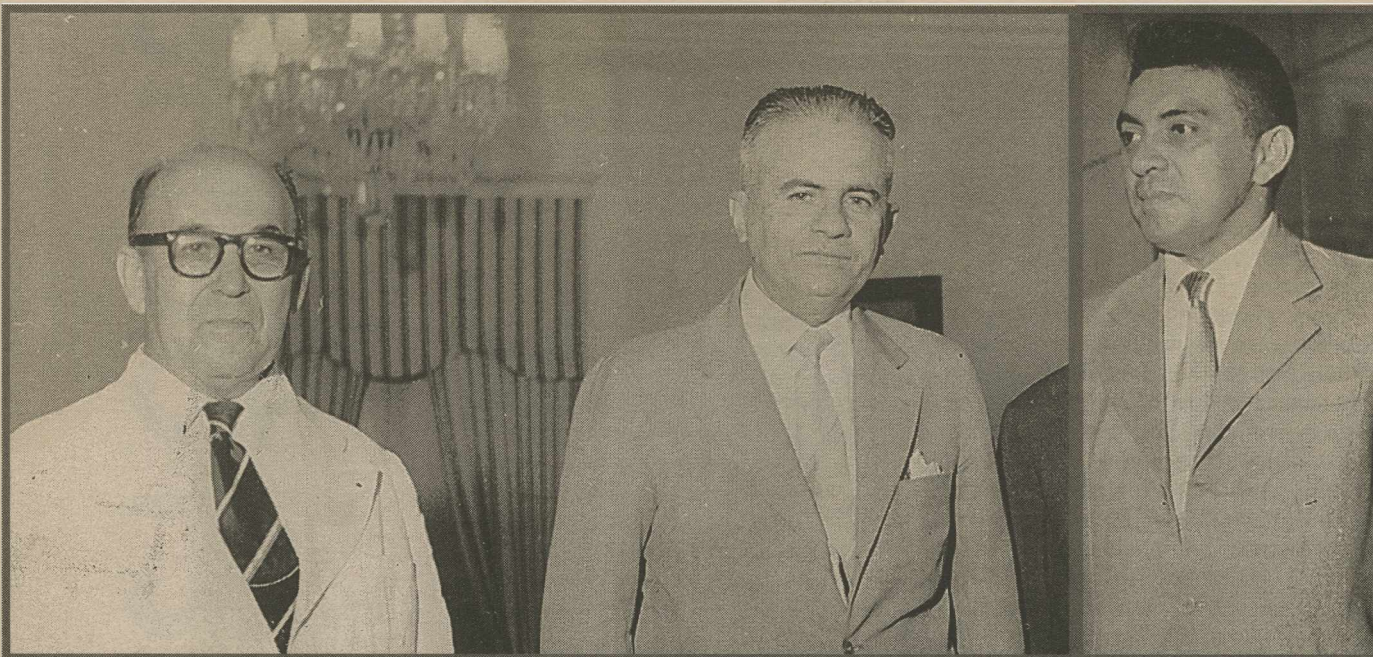
O potiguar Café Filho, sindicalista que foi acusado de atuar no movimento de 35

do Partido Comunista do Brasil (com chapa encabeçada por Lauro Reginaldo da Rocha, membro do Comitê Central Nacional e noroeste-riograndense) e da Ação Integralista Brasileira (encabeçada pelo advogado Otto de Brito Guerra). Um recurso da Aliança Social é acatado pelo TSE e eleições suplementares são realizadas em fevereiro de 1935. Somente em 16 de outubro de 1935, o Tribunal Superior Eleitoral proclamou o resultado final: o Partido Popular elegeu três dos cinco deputados federais (José Augusto, Ferreira de Souza - senador de 1946 a 1954 e Alberto Roselli) e a Aliança Social, dois (Café Filho e Martins Veras); dos 25 deputados federais, 14 eram do PP (entre eles, José Augusto Varela, governador de 1947 a 1950, Aldo Fernandes, futuro secretário-geral do estado e Maria do Céu Pereira, primeira parlamentar eleita no Brasil) e 11 da Aliança Social (entre eles Djalma Marinho, várias vezes deputado federal no período de 1950 a 1974). Foi também marcada a data para a instalação da Assembléia e eleição indireta do Governador e dois senadores: 29 de outubro de 1935.

A partir do mês de abril, com a divulgação do resultado parcial das eleições, dando a vitória à oposição e a perspectiva da volta ao poder dos depostos em 1930 e com o fechamento da Aliança Nacional Libertadora no mês de julho, o ambiente político adquiriu uma temperatura mais elevada. No interior do estado grupos civis armados, provocavam agitação e no Rio de Janeiro, o interventor usava o seu antigo prestígio na tentativa de virar o jogo: influir nas decisões do TSE ou cooptar dois dos deputados da oposição.

No quartel do 21 BC, a situação não era das mais calmas. Além dos baixos salários e más condições de trabalho, pairava sobre sargentos, cabos e soldados a ameaça de cumprimento de decreto presidencial que autorizava o ministério a dispensar aqueles que contassem com menos de dez anos de serviço e a reformar quem tivesse mais de vinte anos. Com o fechamento da ANL, os seus filiados, que eram muitos, ficaram sem um canal de expressão política e passaram a conspirar.

Fotos Arquivo/DN



**Dr. Aldo Fernandes, ao lado do então governador Dinarte Mariz e do jornalista Wilson Oliveira**

Desde 1926, as primeiras células do Partido Comunista em Natal começaram a atuar, sob a liderança dos sapateiros José Praxedes e Aristides Galvão e, em Mossoró, com Raimundo Reginaldo da Rocha. A partir de 1933, com a abertura política devido à convocação das eleições para a constituinte e a criação da Aliança Nacional Libertadora, os trabalhos de organização do partido se intensificaram, culminando com a I Conferência Estadual realizada em abril de 1935, em Natal, quando foi formalmente eleita sua primeira direção, constituída pelos três já citados mais Francisco Moreira e Lauro Lago, então diretor da Casa de Detenção, a penitenciária estadual. Nesta reunião estiveram presentes João Batista Galvão, servidor público esta-

dual, em cuja residência de solteiro se realizavam a maioria das reuniões do partido, e José Macedo, funcionário do Departamento dos Correios. Seguindo orientação do Comitê Central e da Internacional Comunista, as ações do partido estavam direcionadas para três focos: o movimento operário (o PCB controlava a direção dos dois maiores sindicatos do estado, o dos estivadores de Natal e o dos salineiros de Mossoró, além do sindicato dos sapateiros de Natal), o movimento camponês (havia movimento armado no campo, no Vale do Assu e em Areia Branca) e na área militar (eram membros do partido os sargentos Quintino Clementino de Barros e Eliziel Diniz Henriques e o cabo Giocundo Dias, que na década de 1980, seria secretário



**O interventor Mário Câmara foi o responsável pela transmissão de cargo ao Cel. Liberato Barroso**

geral do PCB). No 21 BC havia duas dezenas de sargentos e cabos aliancistas e com ligações com o partido e que conspiravam permanentemente. Entre março e novembro de 1935, estiveram em Natal, conspirando e aliando oficiais e subalternos para um golpe armado com o objetivo de depor Vargas e implantar um regime militar, vários "tenentes" aliancistas: em março, o capitão Otacílio Lima, lotado no 29 BC de Recife e membro do PCB, vem a pretexto de viagem de inspeção e articula-se com sargentos do 21 BC; em julho, o capitão da marinha Roberto Sisson, ex-vice-presidente da ANL, com a mesma finalidade; também em julho, o tenente João Cabanas, legendário participante da Coluna Prestes, visita Natal e a região da guerrilha camponesa no Vale do Assu; em agosto, o capitão Silo Meireles, também do 29 BC e comunista.

Desde o mês de junho de 1935 encontrava-se em Natal, designado pelo comitê central do Partido Comunista, João Lopes, destacado membro do secretariado político, com a missão de assessorar a direção estadual e com a orientação de impedir o envolvimento do partido em aventura golpista. Recebeu do comitê central o codinome Santa e ficou em Natal até o dia 27 de novembro tendo importante papel nos acontecimentos.

Nos dias que sucederam a proclamação dos resultados eleitorais, a bancada oposicionista viajou para João Pessoa, onde foi recebida pelo governo paraibano, alegadamente por motivos de segurança, mas também com a finalidade de evitar a possibilidade, muito comentada na época, de cooptação de pelo menos dois deputados, o que inverteria o resultado da eleição indireta para 12 a 13.

Em 27 de novembro, o interventor Mário Câmara transmite o cargo ao Coronel Liberato Barroso, comandante interino do 21 BC e embarca no dia seguinte, de navio, para o Rio de Janeiro. Em 29 realiza-se a eleição indireta com o resultado esperado: Rafael Fernandes, ex-deputado federal e estadual, principal líder da política mossoroense, recebeu 14 votos e o desembargador Elviro Carrilho, candidato simbólico, 11 votos. Com a posse imediata, após exatos cinco anos, os grupos oligárquicos retornavam ao poder e como sempre acontecia, iniciava-se a revanche.

Em todo o estado foi iniciado o processo de substituição, não somente de prefeitos e delegados de polícia, mas em todos os níveis da administração, inclusive do ministério público, acirrando ainda mais os ânimos e fomentando a revolta. Houve um fato que envolveu um segmento específico do funcionalismo: a extinção da Guarda Civil e a demissão em massa de seus componentes. Criada por Mário Câmara, com seus componentes recrutados entre correligionários e, segundo a oposição, em muitos casos, com antecedentes de violência e até de criminalidade, a Guarda Civil, com desvio de funções, merecia um expurgo. No entanto, a demissão indiscriminada de três centenas de seus participantes, com a agravante de ter sido previamente anunciada, transformou parte dos demitidos em conspiradores e insufladores da revolta dos descontentes subalternos do 21 BC, com sua demissão também anunciada. Finalmente, na sexta-feira, 22 de novembro, o secretário geral do estado determina a demissão, por motivos ideológicos, do diretor da Casa de Detenção e servidor da polícia civil, Lauro Lago (na realidade, membro do CC do PCB, mas não envolvido na conspiração). Os atores achavam-se na coxia, aguardando as três batidas convencionais para adentrar o palco.

# Uma província urbana assistiria a revolução

**A** Natal de 1935 era uma cidade provinciana de aproximadamente quarenta e dois mil habitantes, o equivalente a apenas cinco por cento da população do estado. Com a atividade econômica baseada na agricultura e na pecuária, a população do Rio Grande do Norte era predominantemente rural, a capital sediando as incipientes atividades administrativas, o ensino de primeiro grau e umas poucas indústrias de transformação.

A área urbana encontrava-se circunscrita a um perímetro limitado a leste pelas praias do Meio e de Areia Preta, ao norte o rio Potengi, ao sul a cadeia de dunas acompanhada pela avenida Hermes da Fonseca e ao oeste, uma linha imaginária que partindo do atual Aero Clube, acompanhasse a rua presidente Sarmiento (avenida Quatro) até o Potengi. Areia Preta possuía algumas casas de veraneio e Brasília Teimosa e Santos Reis eram um grande areal (aliás denominação que persiste até hoje, em certo trecho).

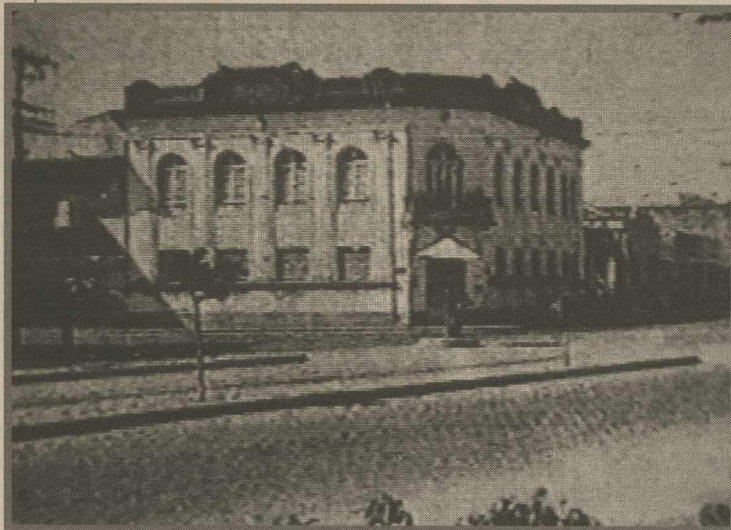
Nas Rocas, concentrava-se uma população predominantemente operária e de estivadores e portuários, o que explica a intensa atividade política no bairro, que abrigava a maioria dos militantes do Partido Comunista e dos sindicatos.

A Ribeira sediava as principais repartições públicas estaduais e federais, o comércio atacadista e o sofisticado, bares e jornais. Na rua Tavares de Lira, o centro nevrálgico da cidade (equivalente ao Grande Ponto das décadas de 50 a 70), o Banco do Brasil, o Café Cova da Onça (onde havia tradicionais rodas de políticos, empresários e profissionais liberais), o Hotel Internacional (na esquina da Rua Chile) e ao final, o cais onde faziam o traslado, em lanchas para os navios, os passageiros do único meio de transporte para o sul do país. Na Tavares de Lira também se realizavam os festejos carnavalescos e as concentrações políticas. Na Duque de Caxias e ruas adjacentes residiam famílias de classe média e alta, algumas protagonistas dos episódios adiante descritos.

Na praça Augusto Severo, o Teatro Carlos Gomes, única casa de espetáculos do gênero era também o grande auditório onde ocorriam as principais solenidades da cidade. No outro lado da praça, o Cinema Politeama.

A Assembléia Legislativa, instalada em 29 de novembro, após recesso de cinco anos, funcionava no prédio que hoje sedia a Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Rio Grande do Norte. Defronte, a praça Tomás de Araújo, onde seria construída a atual sede do SESC e do outro lado da mesma, o Quartel do 21º Batalhão de Caçadores, no terreno hoje ocupado pelo Colégio Estadual Winston Churchill. No quarteirão ao lado, onde hoje situa-se a agência do Banco do Brasil, o mercado público da Cidade Alta, na época o único existente. Ainda na avenida Jun-

Arquivo/DN



A Prefeitura de Natal, na época do Movimento Revolucionário de 1935

queira Aires (atual Câmara Cascudo) no prédio hoje ocupado pela Capitania das Artes, a Escola de Aprendizes Marinheiros, única unidade naval sediada na cidade.

Cruzando as praças Sete de Setembro, André de Albuquerque e João Tibúrcio e descendo em demanda do Rio Potengi, vamos encontrar na velha rua da Salgadeira, onde hoje funciona a Casa do Estudante, o quartel do Batalhão de Polícia Militar que foi o cenário da principal batalha ocorrida em Natal.

No ano de 1935, os estabelecimentos que ministravam o ensino formal de primeiro grau eram em número reduzido, compreendendo o velho Atheneu Norte-Riograndense, no prédio hoje ocupado pela Secretaria Municipal de Finanças, a Escola Normal, na rua da Conceição (ao lado da atual Assembléia Legislativa), o Ginásio Santo Antonio (no atual convento do mesmo nome), o Ginásio Nossa Senhora das Neves, no Alecrim, o Ginásio Pedro II, na avenida Rio Branco, por trás do teatro e a Escola Doméstica, na Ribeira, onde hoje funciona o Centro Clínico Dr. José Carlos Passos.

Três jornais tinham circulação diária: A Republica, órgão oficial do estado, dirigido pelo advogado Edgar Barbosa, A Razão, órgão do Partido Popular, fundado em 1934, durante a campanha eleitoral e que encerrou suas atividades após a posse do governador Rafael Fernandes, O Jornal, dirigido pelo jornalista e advogado provisionado João Café Filho, que exercia o papel de principal voz de oposição desde os últimos anos da República Velha e A Ordem, folha católica, à época com orientação fortemente integralista.

As únicas agremiações sociais eram o Natal Clube, na esquina da avenida Rio Branco com a rua João Pessoa e o Clube Carneirinho de Ouro, na avenida Tavares de Lira, que mesmo com

atividades reduzidas, sobrevive até os nossos dias.

Nos esportes, o remo atraía a atenção da sociedade, disputado entre o Centro Náutico Potengi e o Sport Clube de Natal, com suas sedes na rua Chile, às margens do Potengi, onde as regatas domingueiras mobilizavam a população. O futebol iniciava a consolidação de sua popularidade, deixando a prática

improvisada nas praças Pedro Velho e Pio X, já realizando seus campeonatos no então chamado "Campo da ARA", atual estádio Juvenal Lamartine, onde rivalizavam ABC, América e Alecrim, fundados em 1915. Nesse ano de 1935, como sempre sob o comando de Vicente Farache, o ABC Futebol Clube sagrou-se tetracampeão, com um time histórico formado por Edgar, Nezinho e Dorcelino; Adalberto, Hermes e Acácio; Oscar, Simão, Xixico, Mário Crise e Edevaldo.

O único meio de transporte coletivo era o bonde elétrico, implantado na década de 20 e que sobreviveu até 1954. Seu trajeto, partindo da Ribeira, cursava a Duque de Caxias, praça Augusto Severo, Junqueira Aires, Ulisses Caldas e Rio Branco, terminando na praça Padre João Maria. Do Grande Ponto, saíam três linhas em demanda dos novos bairros residenciais: para Petrópolis, seguindo a João Pessoa, Deodoro, praça Pedro Velho, Nilo Peçanha e Getúlio Vargas, onde findava; para o Tirol, pela Jundiaí e Hermes da Fonseca, até o Aero Clube; para o Alecrim, descendo a Rio Branco, subindo a Amaro Barreto e pela Presidente Quaresma chegando à rua São João, em Lagoa Seca. Não havia mais que três dezenas de automóveis particulares na cidade e alguns poucos "carros de aluguel". O sistema de telefonia, embora existente há mais de uma década, era precário e limitado, com menos de uma centena de aparelhos. Tal deficiência de comunicações, agravada pela coincidência (ou pelo propósito) da eclosão do movimento ter ocorrido em um final de semana, teria fundamental importância nos acontecimentos.

Estava montado o cenário. Deixemos que os atores saiam da coxia e adentrem o palco.

CAPITAL, PALCO POLÍTICO

# Cabo Giocondo dá voz de prisão a oficial

9h - O bacharel João Medeiros Filho, Chefe de Polícia, recebe telefonema do 21º BC, informando o desligamento de praças, por incapacidade moral.

O jornal A República, órgão oficial do Governo do Estado, noticiava a realização, à noite, no Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão, de solenidade de colação de grau do Colégio Santo Antônio, então funcionando nas dependências do atual convento e confirmava a presença do governador Rafael Fernandes. Informava ainda estar ancorada, no cais do porto, uma esquadriha mexicana, composta de seis navios, em operações de treinamento.

O secretário geral do governo, Aldo Fernandes, teria recebido em palácio informações acerca de "reuniões de caráter subversivo" com a participação de Lauro Lago, que recentemente havia sido demitido da direção da Casa de Detenção, após a posse do novo governo.

No quartel do 21º BC chegou expediente do comandante da 7ª Região Militar oficializando o desligamento dos primeiros 30 soldados, cabos e sargentos com o tempo de convocação extinto e a informação de que na segunda-feira, 25, chegaria nova relação.

12h - Findo o expediente da manhã e por ser sábado, os oficiais e praças foram dispensados com a obrigação de apresentar-se para a revista, somente às 21 horas, ficando no quartel apenas o pessoal da guarda e o oficial de dia, tenente Abel Cabral Batista.

15h - A direção do Partido Comunista que se encontrava reunida com o enviado do comitê central nacional, João Lopes, "o Santa", recebe a visita do cabo Giocondo Dias e do sargento Quintino Clementino de Barros para transmitir informações de

que a tropa estava revoltada e um levante era iminente. Apesar da discordância inicial dos dirigentes do partido, que não haviam recebido instruções do comitê do Recife, ao final da reunião, por volta das dezesseis horas, a direção curvou-se ao fato consumado, solicitando um prazo, para arrematar seus quadros (basicamente estivadores e portuários) e fez uma única exigência: todos os civis deveriam usar fardas do Exército e estar armados. Quintino e Giocondo voltaram ao quartel e a direção do partido iniciou a mobilização de seus filiados e simpatizantes, ficando estabelecido que a deflagração do levante seria naquela noite.

18h - Na Vila Cincinato, residência oficial do governador, situada à praça Pedro Velho, de frente para o atual Palácio dos Esportes Djalma Maranhão, no prédio hoje ocupado por repartição da Secretaria da Educação, o governador Rafael Fernandes, após o jantar, acompanhado do secretário geral Aldo Fernandes e do ajudante de ordens capitão José Bezerra de Andrade, dirige-se ao Teatro Carlos Gomes para presidir a solenidade de colação de grau e a seguir, assistir à encenação pelos alunos da peça "A Vitória da Cruz". Um dos formandos com idade de 14 anos era Geraldo Ramos dos Santos, tradicional empresário do ramo automotivo, que hoje, aos 84 anos, guarda uma viva memória do episódio e dos fatos ocorridos nos dias que se seguiram. No recinto encontravam-se, além das mais altas autoridades como o Prefeito de Natal, Gentil Ferreira de Souza e diretores de departamentos da administração estadual, todo o "grand monde" natalense.

18h30m - Joaquim Inácio Torres, "Seu Torres", farmacêutico e professor do Atheneu, figura folclórica da cidade, residindo na avenida Rio Branco,

próximo ao quartel, após o jantar senta em cadeira na calçada, para fumar seu charuto.

Cascudo em O Tempo e Eu, 1967, conta o episódio: passou um cabo do Exército e vendo aquela tranquilidade, segredou-lhe:

- Seu Torres, é melhor o senhor entrar. Vai começar uma revolução no quartel e deve haver tiroteio. - Revolução, é? Está certo, obrigado. Não perguntou que revolução era, nem para que seria e meteu-se na sala. Meia-hora depois, como nada ocorresse, levou a cadeira para fora e continuou fumando. Passou um soldado correndo e Torres gritou:

- Como é? Essa revolução vem ou não vem? Comecem logo, que coisa mais demorada! - Vai rebentar logo, seu Torres, mas não se arrisque, entre ... e saiu convencido que o velho professor do Atheneu estava inteiramente sabedor da conspiração.

19h30m - Dando seqüência aos preparativos que vinham sendo feitos desde o final da tarde, o cabo Giocondo Dias e o soldado Raimundo Tarol deram voz de prisão ao sargento - chefe da guarda e ao oficial de dia. Ao mesmo tempo, comandados pelos Sargentos Quintino Clementino de Barros e Eliziel Diniz Henrique, os praças comprometidos com o levante ocupam as posições estratégicas do quartel, soltam os soldados presos no xadrez e aliciam os indecisos. Ao toque de recolher que ecoou no centro da cidade, acorreram oficiais e praças que residiam ou se encontravam nas imediações. Os praças receberam comunicação que o quartel estava de prontidão; os oficiais, instados a aderir, negaram-se e recusaram assumir o comando oferecido. Em vista disso, assumiu o comando militar formal do movimento, o sargento Quintino Clementino de Barros que, além de senso de organização, demonstrou equilíbrio nos dias que se sucederam, evitando ou condenando violências e arbitrariedades. Fez recolher, presos no cassino, os poucos oficiais que atenderam ao toque, em número de sete, sendo um capitão e seis tenentes. Vale ressaltar que havia dezoito oficiais no contingente do batalhão, tendo a maioria se refugiado em residências de amigos e parentes ou no interior do estado.

Assumido o controle da unidade, os insurretos efetuaram sucessivos disparos para o alto, sinal combinado como aviso para os civis que se achavam comprometidos, aos quais foram distribuídos fardamento militar, armas e munições. Curiosamente, os tiros disparados serviram também de alerta às autoridades e à principal força militar legalista, a Polícia Militar, de vez que seu QG no prédio hoje ocupado pela Casa do Estudante, está a pouco mais de um quilômetro do 21º BC. Por outro lado, apenas três quartelões separavam o local da rebelião do teatro, onde se encontravam as principais autoridades.

Arquivo/DN



Giocondo Dias, integrante do grupo que tomou o poder no RN, na foto, ao lado de Fidel Castro



Encontrando-se no Grande Ponto, o chefe de polícia (equivalente hoje às funções de Secretário da Segurança Pública), ouvindo os tiros e identificando a origem, mas sem a menor idéia de seu real significado, dirigiu-se ao quartel da PM, onde sugeriu ao oficial de dia, Capitão Joaquim Teixeira de Moura, que entrasse de prontidão e convocasse seu contingente, fazendo o mesmo na Inspetoria de Polícia Civil, localizada na atual sede do ITEP, na avenida Duque de Caxias. Daí, foi ao teatro onde conferenciou com o governador e voltou ao centro da cidade para averiguações.

No teatro, os primeiros tiros foram ouvidos em meio à solenidade, provocando natural alvoroço e a retirada de oficiais da marinha mexicana e dos comandantes militares, Otaviano Pinto Soares, do 21º BC e major Luiz Júlio, da PM e de parte da platéia. Reiniciada a cerimônia, com a intensificação do tiroteio, aumentou o pânico e efetuou-se a dispersão dos assistentes, inclusive das autoridades. O governador, acompanhado do secretário geral e do ajudante de ordens, dirigiu-se à Inspetoria de Polícia e como os tiros já estivessem sendo disparados na praça Augusto Severo, optaram por solicitar abrigo na residência do comerciante Xavier de Miranda, na avenida Duque de Caxias, onde passaram a noite e aguardaram contatos com informações mais precisas. No mesmo momento, o prefeito Gentil Ferreira, o presidente da Assembléia Legislativa, monsenhor João da Mata Paiva, o chefe de gabinete do governador, bacharel Paulo Pinheiro de Viveiros e o diretor do jornal oficial A República, bacharel e jornalista Edgar Barbosa, refugiaram-se na residência do comerciante Amador Lamas, irmão do cônsul honorário do Chile, comerciante Carlos Lamas, também na Ribeira.

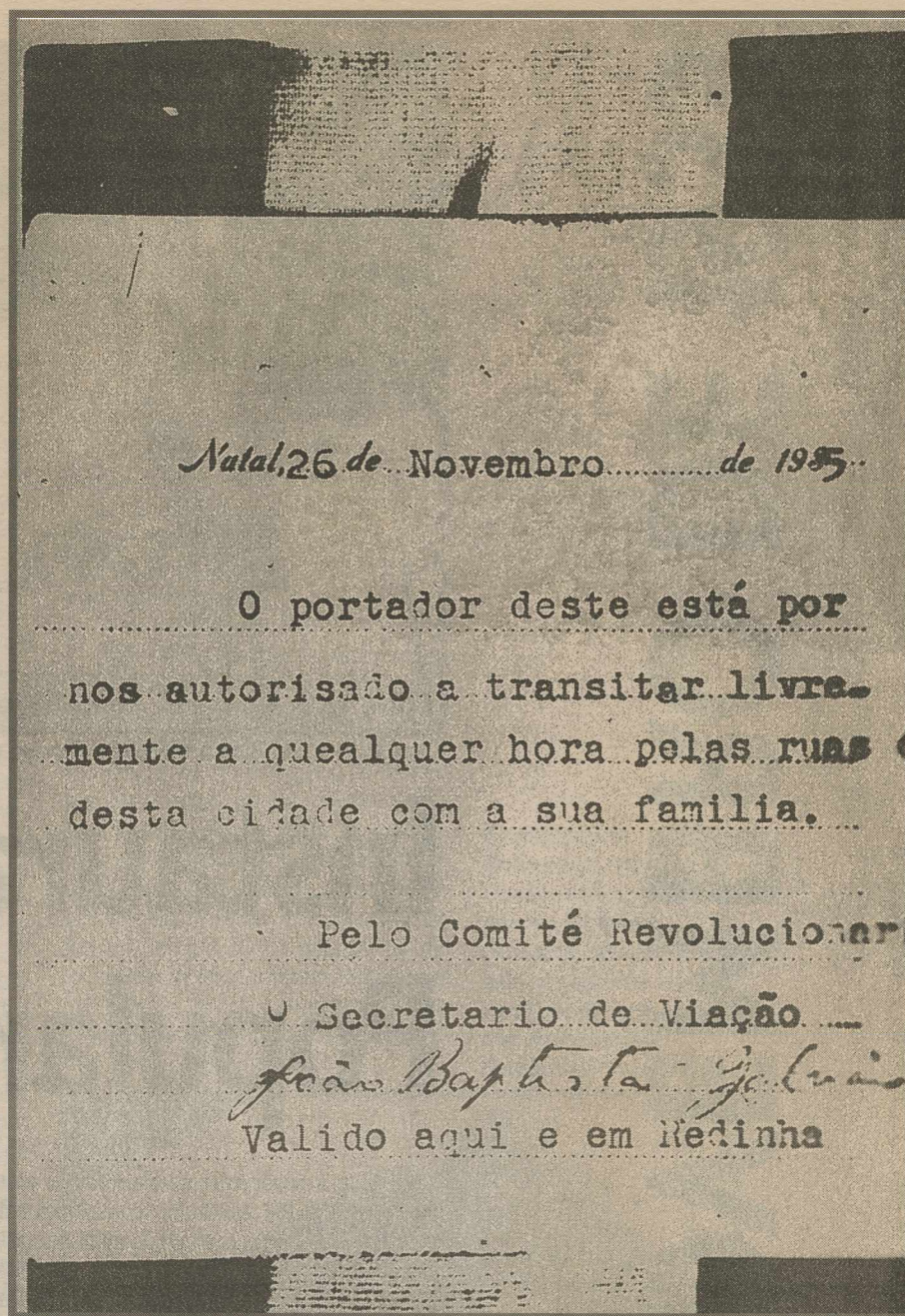
Enquanto isso acorrem ao 21º BC algumas dezenas de operários, principalmente estivadores e sapateiros e antigos guardas civis que ao chegar recebem fardamento do Exército, armas e munição. Com o controle total do quartel e seu contingente acrescido de grande número de civis, os rebeldes trataram de dominar a capital, sendo formadas diversas patrulhas com a finalidade de ocupar os pontos estratégicos: o palácio do governo, a residência do governador, o Banco do Brasil, a sede da polícia civil, a Companhia Força e Luz (eletricidade), o telégrafo, a companhia telefônica, o cais do porto e a estação ferroviária. A seguir, foram formados dois destacamentos, sendo o primeiro para assumir o controle da Casa de Detenção (onde hoje fica o Centro de Turismo), o que foi feito sem nenhuma resistência, tendo a guarda se retirado pelos fundos, através das dunas situadas na área da atual rua do Motor; o segundo dirigiu-se ao Esquadrão de Cavalaria, onde após breve tiroteio durante a noite, seus defensores comandados pelo tenente Severino Raul Gadelha e em desvantagem, retiraram-se através das dunas (o esquadrão estava localizado no terreno onde foi edificada a Escola Doméstica). Na breve luta na Casa de Detenção, ocorreu a primeira morte da insurreição: um preso de justiça, José Pedro Celestino, que antes de ser libertado foi baleado pela guarda do presídio.

20 h - João Medeiros Filho, após tomar as primeiras providências na Ribeira, dirige-se ao Grande Ponto no automóvel particular do comerciante Daniel Serquiz e em companhia do fotógrafo José Seabra, com a finalidade de colher maiores

informações acerca do movimento. Mesmo sabendo que o mesmo tinha origem no 21º BC, de ter encontrado uma patrulha do Exército guardando a sede do Banco do Brasil e seu automóvel oficial ter sido alvejado por tiros na Duque de Caxias, ao encontrar o sargento Amaro Pereira que comandava uma patrulha na rua João Pessoa, inadvertidamente aceita o convite para dirigir-se ao 21º BC, onde um oficial lhe daria informações mais precisas. Ao transpor o portão do quartel é imediatamente preso e recolhido ao xadrez, onde permaneceu até a madrugada do dia 27, privando a cidade e o estado de sua principal autoridade policial, elemento importante para a coordenação de sua defesa. Nessa mesma hora, o cabo Giocondo Dias, ao descer a avenida Rio Branco no comando de uma patrulha, trava tiroteio com policiais militares, é baleado superficialmente na cabeça, sendo internado no Hospital Miguel Couto (atual Onofre Lopes), onde permanece também até o final. Um anti-clímax para dois atores que estavam fadados a ser os personagens principais.

20h 30m - O major Luiz Júlio, comandante da Polícia Militar, que havia recebido telefonema do oficial de dia, capitão Joaquim Teixeira de Moura, informando que o quartel estava sendo atacado e tendo se dirigido à residência do governador, aí encontrou-se com o tenente-coronel José Otaviano Pinto Soares que há duas semanas era o novo comandante do 21º BC. A pé, ambos dirigiram-se ao quartel da PM, nesse momento sendo atacado por pequena força, conseguindo o intento de penetrar e comandar a organização da defesa. Nesse ínterim, atraídos pelos tiros, comunicados por telefone ou convocados pelo toque de reunir, dezenas de sargentos e praças conseguiram chegar antes que o cerco fechasse.

21h - Estabelecido o controle da cidade, foi possível aos rebeldes direcionar para o ataque ao quartel da Polícia Militar o grosso de suas tropas, tanto militares, como civis que haviam aderido. A partir desse momento e até o início da tarde do domingo, dia 24, o quartel resistiu ao cerco, com sessenta e oito defensores, sendo cinco oficiais, vinte e quatro sargentos, trinta e quatro soldados e cinco civis. Além do comandante e do oficial de dia já citados, os únicos oficiais que acorreram ao quartel foram os tenentes Francisco Bilac de Faria, José Paulino de Medeiros, o Zuza Paulino e Pedro Sílvio de Moraes. Dentre os sargentos, inúmeros chegaram ao posto de coronel e se destacaram na história da corporação, como Celso Carlos Pinheiro, Sebastião Revorêdo, Bento Manuel de Medeiros e Júlio César Pinheiro. Entre os civis, os servidores públicos estaduais João Batista de Andrade, Lucrécio Pegado Cortez e Damasceno Bezerra. Para a luta, o batalhão contava apenas com quatro metralhadoras, trezentos fuzis, cinquenta e dois revólveres e cerca de trinta mil balas. A força atacante era superior em número, com o triplo de combatentes, armas modernas e cerca de cento e trinta mil cartuchos, com os quais manteve o cerco ao quartel e combateu entrincheirada em situação favorável, mais elevada, na esplanada que corresponde à atual praça João Tibúrcio, durante toda noite do sábado, 24. Nessa noite, quem pôde sair da cidade, quem ficou, não dormiu com o barulho.



Salvo-conduto assinado por João Batista Galvão garantia o trânsito em toda a cidade de Natal

Fotos Arquivo/DN



João Medeiros Filho, chefe de polícia do RN, em 35

24 DE NOVEMBRO DE 1935

Fotos Arquivo/DN



Lauro Lago e João Batista Galvão (os dois em destaque), durante o embarque para a prisão no Rio de Janeiro, onde ficaram por uma década

# Instaurado Governo Popular Revolucionário

8h - Com a cidade sob controle, restando apenas o quartel da PM resistindo, o comitê regional do PCB reúne-se com o comando militar e o assessor Santa, para definir as medidas administrativas e a estratégia militar, na residência de um ferroviário membro do partido, nas Rocas.

Com a recusa de diversos oficiais convidados para assumir o comando militar do movimento, essa posição foi entregue ao sargento músico Quintino Clementino de Barros, norte-riograndense de Serra Negra, membro do PCB e líder natural entre seus pares. Em seguida, foi escolhido o Governo Popular Revolucionário, constituído por Lauro Lago, servidor da polícia civil, secretário do Interior; José Macêdo, tesoureiro dos Correios, secretário de Finanças; João Batista Galvão, servidor do Atheneu Norte-Riograndense, secretário da Viação; José Praxedes de Andrade, sapateiro, secretário de Abastecimento; e Quintino Clementino de Barros, secretário da Defesa. Foi oferecido a Santa o cargo de presidente, que foi recusado, permanecendo o assessor dando sempre a última palavra em todas as decisões. Todos os cinco componentes eram filiados ao Partido, sendo que dois eram membros do comitê regional.

9h - A junta de governo toma as primeiras medidas práticas. O presidente do sindicato dos estivadores João Francisco Gregório recebe a incumbência de assumir o comando militar do cais do porto, impedindo a entrada ou saída de qualquer navio, inclusive as seis corvetas mexicanas, dois cargueiros britânicos e um brasileiro, o em-



Juiz João Maria Furtado foi absolvido das acusações

barque ou desembarque de passageiros e tripulantes, e a desativação de seus rádio-telegrafos e do farol marítimo.

Durante a noite, haviam recebido asilo na es-

quadrilha mexicana, algumas pessoas entre as quais o médico Aberdal de Figueirêdo, o deputado Pedro Matos, o desembargador Silvino Bezerra e o capitão Leonel Bastos, comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros. O capitão havia abandonado a escola, atravessando o rio Potengi em escaleres, com dezenas de alunos e retornando até o navio mexicano. O motorista Epifânio Guilhermino, membro do Partido Comunista, recebe a tarefa de requisitar automóveis particulares e caminhões e organiza um grupo de motoristas, entre os quais Domício Fernandes, que também teve destacada atuação no movimento. Vários proprietários foram procurados e tiveram seus veículos requisitados, entre eles, os comerciantes Severino Alves Bila e José dos Santos, que eram concessionários. Na mesma hora, em Currais Novos, o delegado geral Enock Garcia que havia deixado a capital durante a madrugada, telegrafa a Dinarte Mariz em Caicó, relatando os acontecimentos e solicitando arregimentação de homens e armas. Dando seqüência, Dinarte telegrafa ao governador Argemiro Figueiredo, da Paraíba e acerta o envio do pedido com a máxima urgência.

10h - José Praxedes, que provavelmente por sua condição de filiado mais antigo do PCB, era tido entre os membros da Junta de Governo, como seu coordenador, reúne populares e partidários na praça do mercado, em frente ao quartel do 21º BC, para ler a proclamação do Governo Popular Revolucionário, o que fez "subindo na mureta do quartel em meio a vivas à revolução e a Prestes".

# Lojas saqueadas e bancos arrombados

Na madrugada do dia 25, segunda, partem para o interior as primeiras tropas de ocupação. O destacamento sul, comandado pelo tenente da PM, Oscar Mateus Rangel (o comandante da patrulha envolvida na morte de Otávio Lamartine), que havia sido libertado na véspera, da prisão no quartel da PM, ocupou os municípios de São José de Mipibu, Arez, Goianinha, Canguaretama e Pedro Velho, substituindo os respectivos prefeitos e delegados. O destacamento norte, comandado pelo estudante Benilde Dantas, membro do PCB, repete os mesmos procedimentos nas cidades de Ceará-Mirim e Baixa Verde. O destacamento centro que se destinava ao eixo trairi-Seridó seguiu para Panelas (atual Bom Jesus), sob o comando do sargento do Exército Oscar Wanderley, assumiu o controle da cidade e, em seguida, de Serra Caiada. Nesse momento, enfrenta uma coluna formada por civis do Seridó, que foi organizada sob a liderança de Dinarte Mariz e tinha a participação de alguns policiais militares, entre eles o capitão Severino Elias. Os legalistas, inferiorizados, batem em retirada até a Serra do Doutor, onde aguardariam os rebeldes para aquela que seria a última batalha, no dia 26. De Serra Caiada o destacamento dirigiu-se no dia seguinte a Santa Cruz, onde recebeu o apoio de parte da população, principalmente de partidários locais da Aliança Social, determinou a substituição do prefeito e do delegado e providenciou o reabastecimento necessário para prosseguir até o Seridó. Nesse

momento, os rebeldes controlavam dezessete dos quarenta e um municípios, correspondendo à terça parte da área geográfica do estado.

8h - Apesar do apelo da junta na véspera, compreensivelmente o comércio não abriu suas portas na segunda-feira. Foram expedidas requisições assinadas por Praxedes, para o fornecimento de víveres, que seriam distribuídos à população. Seja por que não foram encontrados os proprietários ou por decisão arbitrária, foram arrombados e saqueados diversos estabelecimentos comerciais, entre eles o armazém da viúva Machado, o maior e mais tradicional empório de alimentos da cidade. Aproveitadores de ocasião associaram-se a revoltosos inescrupulosos e arrombaram e saquearam outros estabelecimentos que comercializavam produtos diversos, como tecidos (Loja Paulista), utilidades (Armazém Elias Lamas), cigarros (Souza Cruz) e jóias (Joalheria Progresso). Apesar da falta de planejamento e de estrutura, a junta conseguiu distribuir à população, na vila Cincinato, grande quantidade de alimentos e de tecidos. Essa medida, até certo ponto ingênua (ou demagógica) repete outras que foram tomadas, como a promulgação de decreto que instituiu a reforma agrária e confiscou as terras de latifúndio (sem no entanto, regulamentar) e a redução de quarenta por cento no preços das passagens de bondes.

Necessitando recursos para o custeio do levante,

a junta recorreu às reservas do Banco do Brasil, do Banco do Rio Grande do Norte e da Recebedoria de Rendas que, na segunda-feira, continuaram fechadas e com seus administradores foragidos. As sedes foram arrombadas, assim como seus cofres, esses com a utilização de maçaricos. Do Banco do Brasil foi retirada a quantia de dois mil e novecentos contos de réis e da recebedoria, cerca de duzentos contos de réis que somados as quantias menores requisitadas de algumas coletorias no interior, totalizam aproximadamente três mil e duzentos contos de réis (um conto de reis equivalia a um milhão de réis). Para uma referência a este valor, uma passagem de bonde custava cinqüenta réis.

Ainda na manhã da segunda-feira, uma patrulha foi enviada à praia da Redinha, principal local de veraneio, onde muitas famílias haviam se refugiado na véspera. O objetivo principal era a eventual prisão de autoridades (ou simplesmente adversários) e a busca de armas. Ao chegar à residência de Arnaldo Lira, tendo o mesmo ironizado a busca e manifestado sua condição de integralista, foi preso e recolhido à Vila Cincinato. Ao chegar, reage à tentativa de um soldado de tomar-lhe o relógio e na briga é atingido com um golpe de sabre no abdômen. Removido para o Hospital Miguel Couto gravemente ferido, veio a falecer após o final do levante. Seria a quarta e última vítima de morte violenta comprovadamente ocorrida durante o levante, em Natal.

Fotos Arquivo/DN



No início do movimento, o Quartel da Polícia, em Natal, foi totalmente alvejado. Atualmente, o prédio abriga a Casa do Estudante

# Batalha na informação e fim do movimento

**O** dia começou tranquilo em Natal: os revoltosos dominavam a cidade e os combates estavam ocorrendo no interior, com suas forças controlando um perímetro cujos pontos mais remotos distavam mais de cem quilômetros: Canguaretama, Baixa Verde e Santa Cruz.

A junta iniciou, então, a batalha da comunicação. Determinou a impressão de milhares de folhetos que continham uma proclamação e informavam as principais medidas tomadas, e de maneira ufanista, a marcha da insurreição pelo país. Um avião da companhia aérea Condor foi requisitado e sobrevoou a cidade, lançando os panfletos. Nesse dia também foi composta e impressa nas oficinas gráficas de A República, órgão oficial do estado, a única edição do jornal oficial da revolução, A Liberdade. Dessa missão foi encarregado Raimundo Reginaldo da Rocha, mossoroense, do comitê regional do PCB, que teve a colaboração de Horácio Valadares, jornalista e membro do secretariado nacional que se encontrava no estado em missão partidária, acompanhando as lutas camponesas da região oeste. Tão logo eclodiu o levante, ambos deslocaram-se para Natal e tiveram participação discreta, mas importante. Acompanhados de Francisco Meneleu, gráfico do jornal, cafeista, assumem o controle

das oficinas, convocam seus gráficos e determinam aos redatores do jornal, o poeta Otoniel Menezes e o provisionado Gastão Correia, a editoração das matérias, a maior parte previamente redigidas por Valadares. Com apenas quatro páginas e datado de 27 de novembro, os mil exemplares do jornal tiveram sua impressão concluída na noite de 26. No momento em que deveriam ser distribuídos, na manhã da quarta, foram todos apreendidos. No final da manhã da terça, 26, chega ao comando rebelde a primeira má notícia: o fracasso do levante do 29º BC, do Recife, iniciado no domingo e subjugado na noite da segunda, com a prisão de seus principais líderes, o capitão Otacílio Lima e o tenente Silo Meireles, prestistas e comunistas. Na tarde do dia 26, rearticulados em Santa Cruz e após receber reforços de Natal, os revoltosos tomam a direção do Seridó, tentando alcançar Currais Novos. A essa altura a força legalista, coordenada por comerciantes e fazendeiros liderados por Dinarte Mariz e acrescidos de integralistas de Acari e policiais paraibanos, reagrupa-se na Serra do Doutor, entre Santa Cruz e Currais Novos. Enquanto isso, chegam ao conhecimento do comando militar notícias de que, após a rendição do 29º BC, tropas do 20º BC de Maceió e do 22º BC de João Pessoa se dirigiam

ção nas primeiras horas da retirada e preservar a integridade dos prisioneiros de forma a garantir a atenuação de penas em um futuro julgamento. À revelia da Junta e sem seu conhecimento, o sargento Amaro Pereira vai à corveta capitânia em nome dos militares e recebe de seu comandante a garantia do asilo.

No meio da tarde, as tropas rebeldes iniciam a marcha para Currais Novos, sem conhecimento da real magnitude da reação que iriam enfrentar. Em uma das curvas da estrada, na subida da serra, defrontam-se com uma barreira de pedras fechando-lhes a passagem. Inferiorizadas pela surpresa e pela posição do inimigo, bem entrincheirado, resistem algumas horas. Ao escurecer, batem em retirada desordenadamente, deixando em campo três mortos e muitos feridos. Às dezenove horas estava encerrado o último combate.

Tarde da noite, em Natal, Quintino recebe um telegrama do comando da Sétima Região Militar no Recife, comunicando o controle da situação em todo o Nordeste e conclamando os rebeldes à rendição. Ao mesmo tempo, começam a chegar as primeiras notícias da derrota na serra. À meia-noite, Giocondo, o sargento Amaro e o cabo Adalberto Cunha, com forte escolta e em três caminhões, realizam a transferência dos presos para os navios. À uma hora da quarta, 27, Santa vai ao 21º BC para fazer uma avaliação e constata, surpreso, que o quartel encontra-se deserto. Quintino, rendido às circunstâncias, determinara a retirada e a dispersão dos remanescentes, liberando-os para a decisão pessoal: fugir ou entregar-se às autoridades militares. Na Vila Cincinato, constatada a derrota, os membros civis da Junta e as lideranças do partido iniciam as providências para a fuga. Destroem os documentos mais importantes e distribuem o dinheiro entre todos os participantes que aí se encontravam. Despedem-se e cada um toma seu destino. Os primeiros a sair, às duas horas, foram Mauro Lago, José Macedo e João Batista Galvão que, juntos, em um automóvel dirigido por motorista, rumaram para Canguaretama. Às quatro horas, em outro automóvel, Santa, sua companheira e um auxiliar, saem em direção a Paraíba por estradas secundárias. Na mesma hora, Praxedes, a pé, a partir da ponte de Igapó, dirige-se a Pajuçara, entre a Redinha e Genipabu. Às cinco horas, Quintino e o sargento Eliziel Diniz Henriques, que era de fato o segundo homem no comando militar, seguiram também de automóvel para Baixa Verde.

Antes do nascer do sol, Natal estava abandonada pelo revolucionários. Foram necessárias algumas horas para que se restabelecesse a autoridade legal. Chegava ao final a tentativa de implantar um governo popular ou a aventura de sobrepor-se às massas através do golpe militar.

26 DE NOVEMBRO DE 1935



Jornal "A Liberdade", publicado pelo governo comunista no RN

Fotos Arquivo/DN



José Macedo, Lauro Lago e João Batista Galvão, os três revolucionários sendo encaminhados pela Polícia Militar à prisão no Rio de Janeiro

## Fim da revolução dá início às perseguições

Na manhã de 27, quarta-feira, aos poucos a cidade se deu conta de que sua vida havia voltado à normalidade. Através de funcionários de escalões inferiores que continuavam em circulação, de cidadãos de fora do governo, mas a ele ligados, dos anfitriões do governador e do prefeito e dos militares mexicanos, o mundo oficial teve a certeza do abandono da capital pelas forças revoltosas. As forças policiais militar e civil ocuparam os pontos estratégicos, restabeleceram as comunicações telefônicas e telegráficas iniciaram a prisão dos que se renderam e a busca dos foragidos. Ao meio-dia, após a chegada das tropas da Polícia Militar da Paraíba e do 22º BC de João Pessoa, o governador Rafael Fernandes reassumiu formalmente o governo.

Enquanto o comando revoltoso em Natal desativava seu dispositivo, na mesma hora, no Rio de Janeiro, tinha início o levante do 3º Regimento de Infantaria na praia Vermelha, na Urca, sob comando do capitão Agildo Barata Ribeiro, tenentista e membro do Partido Comunista. Iniciado na madrugada do dia 27, foi prontamente reprimido, tendo o quartel se rendido após oferecer resistência e ser bombardeado, às catorze horas. Os líderes da revolta de Natal somente vieram tomar conhecimento desse levante na prisão.

Iniciou-se então uma fase de intensa repres-

são, à qual não faltaram os ingredientes da falsa denúncia de adversários inocentes e a tortura de presos. Aproveitando-se da ocasião, partidários do governo e autoridades policiais incriminaram, prenderam e indiciaram centenas de adversários, apenas pela condição de correligionários ou amigos de Café Filho e de Mário Câmara. Os presos civis de maior participação no levante como Lauro Lago, João Batista Galvão, José Macêdo, Epifânio Guilhermino e Sizenando Figueira, foram barbaramente espancados. O próprio chefe da polícia reconhece em seu livro: "houve sim interrogatórios ásperos, inflexíveis, como era natural; de pressões físicas, tive notícias, é verdade".

Para que se tenha uma idéia do denunciamento da época, nos processos do Rio Grande do Norte foram indiciados 1.039 cidadãos (695 de Natal e 344 do interior), dos quais apenas 154 (15%) foram condenados. Dos indiciados, três eram deputados da oposição, todos inocentados. Vinte e três oficiais da PM foram indiciados, a grande maioria apenas por ter servido ao governo Mário Câmara. Apenas cinco foram condenados (entre eles, Mário Cabral de Lima, Moisés da Costa Pereira e Oscar Mateus Rangel, que tiveram atuação destacada). O tenente Augusto Leopoldo da Câmara Sobrinho foi indiciado (e absolvido) apenas por ser primo-irmão

do ex-interventor. São exemplos de indiciados que não tiveram participação alguma os juízes João Maria Furtado e Fábio Máximo Pacheco Dantas (futuros desembargadores), o médico Ezequiel Fonseca, futuro deputado estadual e o usineiro Luís Lopes Varela, todos correligionários de Café Filho, todos absolvidos.

Juntamente com as prisões, a polícia iniciou as diligências para a apreensão do dinheiro retirado do Banco do Brasil, da Recebedoria de Rendas e de Coletorias do interior do estado. De um total de três mil e trezentos contos de réis, foram apreendidos com presos, com familiares dos revoltosos e em repartições públicas, novecentos e vinte dois contos de réis, o que corresponde a cerca de trinta por cento do que foi confiscado. A controvérsia que cerca o destino da diferença de pelo menos dois mil contos de réis (uma fortuna na época), permanece setenta anos depois. Sabe-se que parte razoável dessa quantia não foi apreendida pois ficou com pessoas que nunca foram presas (ou porque evadiram-se ou nunca foram consideradas suspeitas). Outra parte ficou com familiares que escaparam da busca. A maior quantia, provavelmente, foi apropriada por agentes do poder público encarregados das diligências. Na época, pessoas que tiveram uma repentina elevação do padrão de vida ou do patrimônio pessoal, foram rotuladas como "achadores de dinheiro".

O Tribunal de Segurança Nacional, órgão de exceção criado pelo Estado Novo, somente começou a funcionar no final de 1937, sendo que a maioria dos principais envolvidos - que ainda se encontravam presos, foi julgada em 1938, quase três anos após. Vejamos o destino dos principais personagens da insurreição: Lauro Lago, José Macedo e João Batista Galvão passam a quarta-feira abrigados na residência de um correligionário em Canguaretama e, à noite, penetram na mata da Estrela, na expectativa de embarcar, com a ajuda de estivadores, nas barcaças que faziam o transporte de sal de Barra de Cunhaú. No dia seguinte, foram presos pelo delegado local, com a ajuda da polícia paraibana, provavelmente denunciados por correligionários. Lago e Macedo, após alguns meses na Casa de Detenção, foram transferidos juntamente com dezenas de presos nordestinos para o presídio político da Ilha Grande, no Rio de Janeiro, onde foram companheiros de Graciliano Ramos e personagens do livro *Memórias do Cárcere*. Galvão, estando doente e usando o prestígio familiar, conseguiu permanecer preso em Natal. Aproveitando-se de uma liberdade provisória de três dias, escondeu-se na fazenda de um primo na Paraíba, onde permaneceu escondido alguns meses, daí seguindo para o Amazonas onde ficou até a redemocratização e anistia, em 1945.

Quintino Clementino de Barros e Eliziel Diniz Henriques, de Baixa Verde seguiram para Pedra Preta

Emanuel Amaral



Francisco Meneleu, responsável pela confecção do jornal "A Liberdade", editado durante os três dias do governo comunista no estado

onde foram presos poucos dias depois. Giocondo Dias dirigiu-se para o município de Lajes, onde permaneceu refugiado na fazenda de um amigo, Paulo Teixeira, durante cinco meses. Em abril de 1936, devido a uma desavença de caráter pessoal, foi esfaqueado por seu anfitrião, sendo preso e novamente internado no Hospital Miguel Couto e depois transferido para o presídio militar no Rio.

José Praxedes de Andrade e João Lopes, o Santa, tiveram uma trajetória digna de ficção. Às quatro horas da madrugada do dia 27, Praxedes caminhou solitariamente de Igapó até a localidade de Pajuçara, na época uma área de pequenos sítios, alguns de propriedade de sua família e recebeu abrigo de um primo. Durante seis meses, até maio de 1936, viveu em um barraco de madeira no meio de uma mata. Nessa época, veio a Natal um enviado do PCB que conseguiu localizá-lo e transmitir um endereço no Recife para contato. Com o dinheiro que tinha guardado, iniciou viagem a pé, durante a noite, até poucos quilômetros após Nova Cruz, onde tomou um trem clandestinamente até João Pessoa e daí de ônibus para Recife e depois Salvador. Na Bahia adquiriu nova identidade, com a qual viveu quarenta e nove anos incógnito, até 1984, quando foi descoberto pelo jornalista paulista Moacyr de Oliveira Filho. Em novembro de 1984 grava longa entrevista que Oliveira transformaria em livro. Sofrendo de grave enfermidade crônica, vem a falecer em 11 de dezembro de 1984.

Santa viajou de automóvel por estradas secundárias até chegar ao território paraibano e, a partir daí, a pé até Pernambuco, durante doze dias. Em Recife faz contato com o partido e chega ao Rio de Janeiro. Com a prisão de Prestes e de Miranda em 1936, a polícia carioca apreende seu detalhado relatório sobre a insurreição de Natal, que é anexado ao inquérito. Da mesma forma que em Natal, onde apenas Praxedes conhecia sua identidade, o que tornou impossível uma delação, no inquérito do Rio não foi possível identificá-lo. Inexplicavelmente, mesmo depois da anistia e da legalização do PCB, a identidade de Santa continuou desconhecida de historiadores e jornalistas até 1984. Sem identificação, uma das mais importantes figuras do levante sequer foi indiciada. Os outros chefes, foram.

Epifânio Guilhermino com a soma das penas, que incluiu o assassinato de Otacílio Werneck, foi condenado a trinta e três anos de prisão, sendo a maior pena entre todos os envolvidos. Lago, Macedo, Galvão, Quintino e Eliziel foram condenados a dez anos. Giocondo e Praxedes, a oito anos. Raimundo Reginaldo, a 3 anos.

Todos, com exceção de Galvão e Praxedes cumpriram suas penas e foram libertados com a anistia política em 1945.



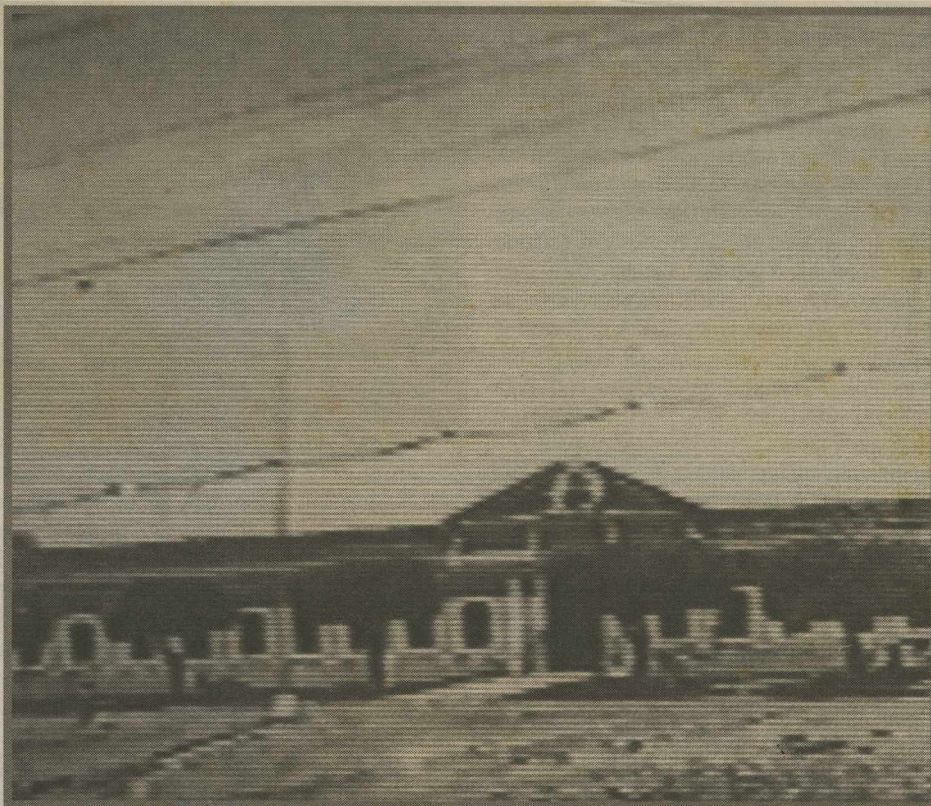
O ex-governador Dinarte Mariz, responsável pelo movimento no interior

# Série de erros pode explicar fracassos

A insurreição militar e comunista de 1935, em Natal, ocorreu dentro de um contexto nacional no qual se destacavam a insatisfação popular com os rumos do governo Vargas, a crise econômica, a desilusão com as prometidas reformas políticas e a preocupação dos setores progressistas com o crescimento do integralismo. O Partido Comunista do Brasil vivia uma fase ufanista, na qual superestimava a mobilização popular da Aliança Nacional Libertadora, como se fosse exclusiva do partido. Prestes, isolado na clandestinidade, há oito anos afastado do país, acreditava nos relatórios fantasiosos de Miranda, o despreparado secretário-geral do PCB, e julgava que o extraordinário prestígio que detinha no meio militar e no povo brasileiro, traduziria-se em apoio incondicional à revolução socialista. Os "tenentes", elementos progressistas do Exército, descontentes com os caminhos tomados pela revolução de 30 e com o fechamento da ANL, sem perspectiva de ação política e sabendo não haver condições objetivas para uma revolução de cunho popular, passam a articular um golpe, dentro da tradição militar, desde a proclamação da República. Encontrando ambiente propício, apesar das resistências iniciais, levam seu guia e chefe militar, o PCB e a Internacional Comunista a embarcar na aventura.

Em Natal, as condições locais contribuíram para amplificar a motivação. Os militares de baixa patente, muitos já excluídos, outros ameaçados, com uma atuante célula comunista no quartel, há muito se encontravam aliciados por tenentes de outras guarnições. A demissão coletiva foi o estopim que detonou o levante antes da hora. Curiosamente foi também a razão do sucesso inicial.

Arquivo/DN



O 21º Batalhão de Comando do Exército, onde hoje funciona a E.E. Winston Churchill

A surpresa somada à incompetência do aparelho de segurança contribuíram para que os militares tivessem razoável apoio popular. O radicalismo das lutas partidárias recentes, as demissões e perseguições do novo governo criaram o

ambiente propício para a adesão dos que se encontravam "de baixo". Finalmente, os comunistas, apesar da oposição inicial e ignorando todas as avaliações anteriores, não resistem ao "glamour" de protagonizar a "sua" aventura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Edgar. História de uma Campanha. Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, 1936.

Bastos, Abgvar. Prestes e a Revolução Social. Hucitel, 1986.

CASCUDO, Luis da Câmara. História da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte. Fundação José Augusto, 1972.

COSTA, Homero. A insurreição comunista de 1935. Ensaio, 1995.

DULLES, John W. Foster. Anarquistas e Comunistas no Brasil. Nova Fronteira, 1997.

LIMA, Lourenço Moreira. A Coluna Prestes. Alfa-Ômega, 1979.

MEDEIROS FILHO, João. 82 Horas de Subversão. Gráfica do Senado Federal, 1980.

MORAES, Denis e Viana, Francisco. Prestes: Lutas e Autocríticas. Vozes, 1982.

OLIVEIRA FILHO, Moacyr. Praxedes: um operário no poder. Alfa-Ômega, 1985.

CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e eu. Imprensa Universitária, 1968.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. Revolucionários de 35. Companhia das Letras, 1992.